convergência

NOVEMBRO — 1972 — ANO V — N.º 51

A MULHER E AS MUDANÇAS SOCIAIS, M. Bandeira

FÉ E LINGUAGEM, J. B. Libânio

CONVERGÊNCIA

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Dom Gerardo, 40 — 5.º andar (ZC 05) — 20 000 — RIO DE JANEIRO — GB

Assinaturas para 1972:

Brasil: via terrestre .... Cr$ 30,00
via aérea ..... Cr$ 35,00
Exterior: via marítima .. US$ 10,00
via aérea .... US$ 15,00
Avulso ..... Cr$ 3,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética Ltda., rua Anibal Benévolo, 173 — Rio de Janeiro — GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís, 100 — Petrópolis, RJ.

SUMÁRIO

EDITORIAL 1

INFORME DA CRB 3

FÉ E LINGUAGEM
J. B. Libânio 9

NOSSA VIDA RELIGIOSA NA IGREJA HOJE, Hélio Grande Pousa 20

CURSO DE FORMADORES, CRB-SÃO PAULO 35

A MULHER E AS MUDANÇAS SOCIAIS, Marina Bandeira 45

ESTANTE DE LIVROS 57

EDITORIAL

O homem de fé vence o mundo. Em face de qualquer acontecimento, por mais trágico que seja, ele mantém a serenidade, fruto de sua comunhão com o Absoluto, de sua sensibilidade em captar o plano de Deus a respeito de cada ser.

Mesmo nos momentos de maior confusão, emerge com clareza a presença do Senhor.

Com o redimensionamento da teologia católica após o Vaticano II, percebemos com maior nitidez a unidade da única história da salvação. Deus convida todo homem a descobri-lo, na caminhada que lhe é proposta, participando da história ativamente.

Ao dizer que tenho fé, quero expressar uma atitude de total abertura do homem face ao projeto de Deus a respeito de cadá ser humano.

Expressar uma atitude de fé não significa codificá-la em definições. Em certos momentos isso também é necessário. Muito mais importante, porém, é a atitude de escuta e acolhimento da palavra e do agir de Deus.

Neste sentido, o maior crente foi Jesus Cristo, totalmente identificado com a vontade do Pai. Os desmanzelos dos homens não o perturbaram, nem escandalizaram. Não obstante os pecados dos homens, via nítido como cada ser expressava um aspecto da bondade do Pai.

O religioso precisa também ser um **profissional** da fé, mais que os outros homens. Não que ele não tenha dificuldades. Recebeu, porém, do Senhor dons e luzes em maior abundância, para que possa ler a verdadeira mensagem do Pai, revelada nas criaturas, vivendo-a pessoalmente e revelando-a aos demais. Quem senão o religioso deveria conhecer e entender a linguagem com que Deus fala ao mundo? Poderia ser ele, mais que outros, a ter a chave da interpretação do universo, pela fé. Ler a linguagem dos acontecimentos, do tempo, das pessoas. A fé que anima a vida do religioso criará a linguagem capaz de expressar sua interioridade. Não é mais a fé que cria sua própria expressão. O leitor encontrará neste número um artigo do **Padre J. B. Libânio,** sobre fé e linguagem, que trará, como nos trabalhos anteriores, clarificações seguras e sugestivas. A Mulher e as Mudanças sociais, de **Marina Bandeira,** é uma busca séria para dar à mulher o lugar que lhe compete frente ao homem, e exigido pelo Evangelho.

Duvidaríamos ainda que a mulher seja igual ao homem? **Curso de Formadores**, realizado em S. Paulo. Publicamos o roteiro e a análise do curso, certo de que poderá animar poderosamente a muitas congregações, empenhadas em idênticas iniciativas.

Padre Hélio Grande Pousa nos apresenta por fim, uma leitura dos sinais dos tempos, à luz do evangelho, para sua respectiva congregação. É um exemplo, que pode ter limitações, mas também boas sugestões. Como sempre, despedimo-nos procurando **s e r v i r.**

Frei Constâncio Nogara

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

IV ENCONTRO DAS SUPERIORAS GERAIS
(Rio de Janeiro — setembro de 1972)

O encontro, que teve um caráter de curso de atualização, desenvolveu o seguinte temário:

Na Casa de Retiros Nossa Senhora do Cenáculo, nas Laranjeiras, aconteceu o 4.º Encontro das Superioras Gerais Brasileiras, do dia 15 ao dia 23 de setembro. Estiveram presentes 29 Superioras Gerais, 5 representantes e 10 Conselheiras Gerais.

Dia 15: Dinâmica de Grupo, **Ademar Spindeldreier,** OFM. Dia 16: Dinâmica de Grupo, **Ademar Spindeldreier,** OFM. Dia 16: Visão Panorâmica da Vida Religiosa na América Latina e no Brasil, **Constâncio Nogara,** OFM. Dia 17: Diversos Tipos de Vocação a Partir do Conceito de Salvação, **João Batista Libânio,** SJ. Dia 18: Experiência de Oração, **Maria Antônia Azcune Belderrain,** ODN. Dia 18: Igreja e Realidade Brasileira, **Fernando Bastos de Ávila,** SJ. Dia 19: Discernimento Comunitário, **José Antônio Neto de Oliveira,** SJ. Dia 20: Vida Religiosa Feminina, **Inês Pereira Leite,** CSA. Dia 20: A CRB, **Marcello de Carvalho Azevedo,** SJ. Dia 21: A Vida Segundo o Espírito. **Leonardo Boff,** OFM. Dia 22: O Governo das Congregações, Hoje, **Marcello de Carvalho Azevedo,** SJ. Coordenadora do Encontro: **Nilza Junqueira Reis,** RA.

Dizer o que foi o Encontro para a vida das Congregações e das Religiosas que participaram, basta ascultar o clima que reinou, num crescendo, à medida do desenvolvimento dos temas. A intensificação da vivência comunitária atingiu um ponto nunca antes conseguido na VR intercongregacional no Brasil. A dinâmica em pequenos grupos, que permaneceram inalterados durante 7 dias, possibilitou o estreitamento de laços profundos de amizade e interrelações, superando barreiras, desconhecimentos e estruturas congregacionais.

Alguns temas marcaram e vitalizaram sobremaneira o encontro. A Oração e A vida Religiosa segundo o Espírito foram assuntos que, por si sós, bastariam para levar a uma reformulação dos valores fundamentais de nossa vida consagrada.

Despertando-nos para nossa realidade latino-americana e especialmente brasileira, Fr. Constâncio e Pe. Ávila nos abriram novas pistas de Inserção

apostólica. Foi um questionamento corajoso sobre o nosso tipo de presença no Mundo e na Igreja Local.

Pe. Marcello, refletindo sobre o Governo nas Congregações foi apreciadíssimo, não só por sua palavra fluente, mas sobretudo por sua vivência no assunto e seu testemunho de fé na VR.

Como estes todos os demais temas constituiram uma unidade orgânica, despertando-nos para uma prospectiva da VR feminina no atual contexto histórico brasileiro.

Precedendo a estes dias de aprofundamento e estudos, Fr. Ademar dispôs o grupo, através de dois dias de dinâmica que muito contribuiram para as comutações que se verificaram dentro do clima comunitário que vivemos nesta semana.

NOVA SEDE DA CRB — SÃO PAULO

No dia 4 de setembro, a CRB-São Paulo recebia em sua nova sede, no Convento dos Padres Capuchinhos, para marcar de maneira oficial seu novo centro de atividades e o início de uma nova fase de descoberta e realização dos objetivos mais específicos da própria CRB.

Foi uma solenidade de tomada de consciência do verdadeiro sentido de nossa mudança de local e uma confraternização. Celebramos juntos uma ação de graças pelos desígnos que o Senhor nos revelou.

Às 14 horas, Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, Presidente Nacional da CRB falou aos presentes no Salão de Festas sobre a necessidade de recriar a vida religiosa, num mundo que mudou e está mudando a fim de que ela possa expressar os valores perenes que lhe são inerentes.

Colocar-se dentro da História

A mudança é um processo inerente ao mundo que evolui. O Igreja está sujeita a esta mudança como sujeito e objeto da mesma. E' um fenômeno histórico. Mudar não é novidade. Faz parte do dinamismo da História. Se hoje a mudança assusta, não será pela sua excepcionalidade, mas pela rapidez, caracterizada:

1. Aceleração intensa do processo.
2. A rapidez dos meios de comunicação.
3. Acentuada consciência de presença ativa.

Colocado o fato da mudança, Pe. Marcello focalizou o seu processo na vida religiosa. Houve um aspecto de intangibilidade nas duas diversas formas de expressão, desde as suas origens. De início, surgiu a forma eremítica, voltada à contemplação. Seguiu-se a forma medicante, acentuando o aspecto testemunhal de pobreza. Apareceu a forma monástica. Finalmente surgiram as formas operativas.

Todas elas se desenvolveram dentro de uma Igreja que, desde o Concílio de Trento vem lutando pela fixação. Ela só conseguiu pensar em modificar-se a partir do Vaticano II. Há uma procura de modelos novos que não se consegue descobrir porque não existem. O que existe é o colocar-se den-

tro da História. Cada vez mais caminhamos para viver modelos que devem se transformar constantemente e menos em modelos fixos.

O que deve ficar claro para nós é que a vida religiosa não é estrutural, não é hierárquica, não é permanente em seu modo de ser. Ela é manifestação carismática e, neste sentido, é essencial à Igreja. Ela é vital e fundamental para a vida do povo de Deus. Num mundo mais voltado para os valores mutáveis, ela é indispensável para testemunhar a santidade da Igreja, dando-lhe uma contribuição que o mundo não lhe dá.

A vida religiosa é fundamentalmente a vida cristã fundamentada no evangelho. E' seu primeiro e grande valor perene. Precisa ser descoberto, assumido e vivido. Verdadeiro religioso é aquele que vive esta vida cristã em profundidade, numa união profunda com Jesus Cristo. Não se pode imaginar a vida religiosa sem uma profunda experiência de Deus. Só através desta experiência seremos capazes de redimir, salvar, santificar o mundo. A descoberta dos valores evangélicos na vida religiosa derruba muita barreira.

Uma sentida celebração eucarística encerrou os atos da inauguração. Em sua nova sede, a CRB-São Paulo aguarda a sua visita.

ENCONTROS DE GOVERNOS PROVINCIAIS
(Itaici, São Paulo)

Acima das expectativas, compareceram 110 religiosos (Provinciais e seus Conselhos) representantes de 37 Ordens e Congregações masculinas e femininas para o encontro realizado nos dias 2 e 3 de setembro, para refletir sobre os problemas atuais inerentes à realidade do Governo Religioso. Pe. Marcello de Carvalho Azevedo voltou a abordar este tema que já fora desenvolvido na Assembléia Regional para os Provinciais.

Além da parte expositiva houve reflexão em grupos, primeiramente intercongregacionais e depois congregacionais, para procurar a sua própria imagem a partir das colocações feitas. Estas reflexões em grupo tiveram como ponto de partida as seguintes considerações:

1. **Quais os valores centrais que devem nutrir nossa vida religiosa no mundo de hoje?**

2. **Quais os valores anteriormente enfatizados e que hoje têm menor força de apelo à consciência religiosa?**

4. **Como nossos governos religiosos têm contribuído para recriar a vida religiosa em função da realidade hoje?**

Síntese das respostas

Primeira questão. Para proclamar a esperança cristã e testemunhar o transcendente no mundo de hoje, a vida religiosa deve centrar-se sobre os seguintes valores:

— Fraternidade.
— Vida de fé adulta e oração.
— Vida de consagração a Deus.
— Valorização da pessoa humana.
— Serviço ao próximo, principalmente pelo anúncio do Evangelho.
— Inserção no mundo de hoje para atender aos seus anseios
— Autenticidade em viver as bem-aventuranças.
— Comunicação.
— Conhecimento mútuo e amizade.
— Gratuidade de serviço
— Coerência na oração pela pessoa de Cristo.

Segunda questão. Valores anteriormente enfatizados.

— Obediência cega e observância disciplinar, acentuando, de maneira falsa, a humildade e a submissão.
— Excessiva valorização da vida religiosa como **estado** de perfeição.
— Falta de criatividade.
— Apresentação dos votos como votos.
— Instituição e estruturas.
— Alienação diante do real.
— Falta de relacionamento humano positivo.
— Angelismo. Ascese do sobrenatural, sem encarar o humano.
— Estrutura comunitária em lugar de vida comunitária.
— Cânones muito rígidos.
— Importância das atitudes externas mais do que a manifestação dos sentimentos.
— Mais valor à lei do que ao evangelho.
— Formalismo na piedade e na observância regular.
— Ativismo exagerado.
— Paternalismo e maternalismo.
— Individualismo e descaso do outro.
— Massificação na formação.
— Segregação do mundo e das demais congregações.

Terceira questão. Quanto a esta questão.

a) Realizações concretas

— Incentivo para o conhecimento mais profundo da realidade.
— Desenvolvimento do senso crítico para descobrir os sinais dos tempos.
— Capítulos gerais e provinciais com maior participação dos membros locais.
— Atualização para melhor atender às necessidades de hoje.
— Esforço para discernir a finalidade da vida religiosa.
— Revisão e revitalização da vida comunitária.

— Corresponsabilidade.
— Redefinição do carisma da congregação.
— Consultas para nomeações e mudanças.
— Maior engajamento na pastoral.
— Aprofundamento na vida de oração.
— Conscientização da necessidade de formação permanente num plano de fé.
— Volta ao valor fundamental do transcendente.

b) O que se deve fazer

Planejamento
Decentralização do governo.

ASSEMBLÉIA DOS SUPERIORES MAIORES DO LESTE II
(Belo Horizonte, julho 1972)

A assembléia foi instalada no dia 5 de julho pelo Presidente Regional, Padre Alberto Ferreira Lima, CSSR. A mesa ficou constituída ainda pelo Pe. Joaquim Pereira, segundo presidente; pela Irmã Maria Margarida, Irmã Maurícia, Irmã Mercedes Viana, Pe. Faliero Bonci, da Diretoria Nacional como ainda Irmã Maria Aparecida e Irmã Helena Ferreira, também da Diretoria Nacional.

Logo em seguida se procedeu a apresentação dos relatórios das atividades da Diretoria, do Executivo e do setor econômico-financeiro. Os coordenadores dos Religiosos nas Dioceses fizeram o mesmo aos membros da Assembléia. Falaram das atividades dos religiosos nas dioceses: Frei Tarcísio Batista Lopes, **Pouso Alegre,** MG. Frei Pascoal Kopp, **Campanha,** MG. Irmã Rejane de Paiva, **Belo Horizonte.** Pe. Luciano Silveira Ivo, **Vitória,** ES. Pe. Silvestre Muelles, **São João del Rei.** Irmã Sílvia Piatonni, **São Mateus,** ES. Irmã Maurília Pereira, **Leopoldina,** MG. Irmã Gabriella Tinoco, **Itabira,** MG. Irmã Eulina Perpétuo, **Oliveira,** MG. Irmã Jovelina de Lourdes Pereira, **Caratinga,** MG. Irmã Mônica Lopes, **Teófilo Ottoni,** MG. Irmã Rosângela Barbosa de Sousa, **Divinópolis,** MG. Pe. Demerval Botelho, **Caratinga,** MG.

Uma observação que salta imediatamente aos olhos é a interiorização das atividades dos religiosos. Centros diocesanos em quase todas as circunscrições eclesiáticas.

No primeiro dia de atividades foram elencados assuntos que se consideraram de importância para a reflexão: **1.** Ensino religioso das Escolas da Rede Oficial. **2.** Relacionamento entre provinciais e bispos. **3.** Religiosos na CRB. **4.** Institutos Seculares. **5.** IPREC e INPS. **6.** Amizade e Encontro de pessoas. **7.** Capacitação profissional.

As colocações foram coordenadas pelo Pe. Vicente Rodrigues de Sousa e pelo Padre Joaquim Pereira.

Dia 6 de julho

I — Apresentação, estudo e debates sobre o tema **Visão do processo histórico atual e sua consequência para a vida religiosa** e **Motivações teológicas de pastoral.** Coordenação do padre Vicente Rodrigues.

II — Visão panorâmica da pobreza material e espiritual da Diocese de Arassuaí feita pelo Padre Lídio Murta, daquela diocese. Sua apresentação foi no sentido de um veemente apelo de uma co-responsabilidade eclesial. **Convergência** já publicou algo a respeito desta região do Vale do Jequitinhonha, em junho/72, página 4 e seguintes.

III — Às 14 horas Pe. Marcello de Carvalho Azevedo falou em plenário sobre **Governo nas Congregações Hoje,** focalizando os problemas atuais de fundo inerentes à própria realidade do governo religioso. Após a apresentação seguiram-se os trabalhos em grupos. A síntese destes trabalhos foi debatida em plenário debaixo destes quatro itens: **1.** Valores Perenes da Vida Religiosa. **2.** Sensibilização dos religiosos quanto a estes valores. **3.** Vida religiosa como sinal. **4.** Problemas mais graves e urgentes da Vida Religiosa

Dia 7 de julho

I — Prosseguindo a exposição sobre **Governo nas Congregações,** Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, Presidente Nacional da CRB, abordou os Problemas Operacionais do Governo Religioso, debaixo deste esquema: **1.** Critérios para a planificação. **2.** Critérios para a distribuição do pessoal. Os estudos das equipes obedeceram a um roteiro de reflexão. Partiram das realidades atuais aprofundando: **1.** Sentido de Igreja. **2.** Fidelidade à inspiração inicial do Instituto. **3.** Dificuldade e possíveis soluções para a formação de comunidades hoje.

II — Às 14 horas, Mons. Fernando Ribeiro, Tesoureiro do IPREC fez uma apresentação a respeito da realidade atual do Instituto, respondendo às diversas questões levantadas.

Os trabalhos da Assembléia dos Superiores Maiores do Leste II foi encerrada com uma Eucaristia presidida pelo Arcebispo de Belo Horizonte, Dom João Resende Costa.

J. B. LIBÂNIO

FÉ E LINGUAGEM

— 1 —

Cada dia sentimos mais o problema de falar a nossa fé. Em não a falar corremos o risco de esquecê-la. O inefável tende a desaparecer-se no momento do esquecimento, do inconsciente. A fé, portanto, não pode reduzir-se a uma experiência inefável, com perigo de esvaziar-se. Ela vive na tensão do silêncio e da palavra. A fé é silêncio, enquanto expressão de adesão, de compromisso, de entrega a Deus manifestado em plenitude na pessoa de Jesus Cristo. A fé é palavra, quando anunciada aos homens, convite aos ateus, solicitação ao crescimento do que crê. A fé é inefável na experiência mística do que crê, que se sente incapaz de querer exprimir toda a riqueza e complexidade da experiência que fez de Deus.

Quando queremos falar de nossa experiência de fé, de nosso crer em profundidade, sentimos que as palavras não conseguem exprimir todo esse mundo interior. A fé penetra-nos em tal profundidade que atinge regiões de inefabilidade. Os silêncios da oração são momentos de fé. São o paradoxo da fé: expressão do inexprimível. Há um mergulhar-se em Deus, como vivência de fé, que não consegue traduzir-se em linguagem. Há um mudo estar-em-Deus, estar-com--Deus.

O homem é linguagem. Antes de tudo, o homem necessita de exprimir para si a sua própria experiência. A linguagem é mais que um puro instrumento de uma realidade experiencial, de um pensamento, que fosse destacável deles. Não existe pensamento puro, e em seguida uma tradução dos conteúdos do pensamento em frases, mas um jogo estreitamente solidário de pensamento e linguagem. Pode-se dizer mesmo que em certo sentido a linguagem precede sempre o pensamento [1].

Assim a fé e seu exprimir-se em linguagem não podem ser considerados sem mais como dois momentos independentes, um seguindo-se ao outro, de modo que a fé pudesse existir mesmo na sua total inexprimibilidade. A fé é, portanto, essencialmente palavra, linguagem. Uma crise de linguagem acarreta uma crise de fé. A crise de fé encontra muitas vezes sua raiz na crise de linguagem.

Onde há tensão dialética, há o risco e a tentação de abolir um dos polos, com a consequente deturpação da realidade. A fé tem seu aspecto de inefabilidade, de mistério, de "grito". Ela é apelo, élan do coração. Tem um elemento de atração da Verdade Primeira, que rompe o círculo fechado da fé [2]. A fé é um apoiar-se no Testamento Divino, cuja garantia é a fé nele.

Há momentos na história, em que esse elemento da fé é mais acentuado. Seu aspecto de expressão, de linguagem é negligenciado em favor do elemento de inefabilidade. O homem descuida em dizer, em falar a sua fé, para fazer dela antes uma experiência a-temática, in-formulada. Sob certo sentido, percebemos hoje um acentuar-se de tal aspecto, de modo que a fé é vista antes como um compromisso, um entusiasmar-se por Cristo, sem que se preocupe de formular-se tal realidade. Movimentos carismáticos, de natureza pentecostal, seja no mundo católico como protestante, que pululam atu-

almente sobretudo nos EUA, mas que também encontram expressões no Brasil, estão a atestar tal predominância [3].

Mas a fé é vivida por um homem que está em comunidade e necessita exprimir-se o que crê. Daí não poder excluir o elemento de linguagem. Toda vez que tal elemento é posto em questão, o aspecto eclesial da fé é ameaçado. Além disso, não se sabendo exprimir a fé, o homem fica indefeso diante de novos esquemas de pensamento que, no fundo, lhe minam a fé. Não pode a partir da fé exercer uma função crítica em relação ao modo de pensar contemporâneo. Assim o pensamento atual é recebido passiva e a-criticamente.

Mais. Afirmar pois que a fé é um grito, é esquecer-se, observa H. Duméry, que a oração, a invocação só surgem no seio de uma determinada psicologia e cultura. A própria meditação solitária, o recolhimento se efetuam num contexto interhumano, num meio social de onde tiram seu sentido e valor. Assim toda religião, toda fé pertencem a um universo cultural, que se define por certas coordenadas morais, psicológicas, intelectuais, econômicas [4].

Até mesmo a mais pura experiência mística, que pareceria ser a expressão nítida da inefabilidade de uma experiência de fé, já que ultrapassa toda representação, todo **lógos** não acontece senão a partir da dogmática, da prática. Assim o êxtase, que apaga a idéia clara, suspende o gesto, enleva e transporta a alma, ao cessar, deixa o campo aberto para o sujeito introduzir-se no mundo de suas representações distintas, de seu comportamento determinado. Portanto, a fé não pode ser um grito, uma palavra apenas articulada, um lampejo de voz desprovido de significação [5].

Não é menos forte a tentação de omitir o polo da inefabilidade da fé, e transformá-la em palavras, em axiomas, em dogmas, repetidos pela boca do fiel, sem exprimir sua vida, sua experiência, seu compromisso. A fé, por ser vivida por um homem numa comunidade, tem de exprimir-se. Tem de fazer-se linguagem. Elá se insere numa longa tradição. Não cremos hoje, sozinhos, desligados de nossos irmãos do passado, e sem conexão com aqueles que crerão depois de nós. Tal tradição só pode continuar através da história por meio da linguagem.

A fé é necessariamente linguagem.

A linguagem da fé exprime uma realidade, um acontecimento da Palavra de Deus na nossa vida, uma resposta de nossa pessoa a essa Palavra. Ela exprime a percepção de nosso relacionamento com Deus. Fala-nos do máximo acontecimento da história humana: a interferência de Deus na história em Jesus Cristo, realizando nossa salvação. Tenta explicar a nossos irmãos toda a misteriosidade

do agir de Deus na história dos homens.

Pode acontecer que pouco a pouco a nossa experiência se vai distanciando da linguagem, e ela começa a soar como algo vazio, puramente formal. São sinais convencionais, que querem significar, mas que já não encontram mais o significado. Tornam-se hieróglifos ininteligíveis, um puro jogo de palavras que não traduzem uma realidade. Aquele que crê não sabe falar para si mesmo sua fé. Soam palavras. Repetem-se fórmulas maquinalmente. Fica talvez no fundo somente a sensação, meio mágica, de que essas palavras se referem ao mundo sagrado, misterioso, ininteligível. Contenta-se com o aspecto de misteriosidade, no sentido de obscuridade. Pode ser que para muitos baste tal percepção.

Uma visão tradicional da fé corre o grande risco de acentuar esse aspecto de linguagem, sem preocupar-se com sua contínua reinterpretação e releitura, a ponto de a fé tornar-se um saber ininteligível, um repetir palavras desprovidas de conteúdo compreensível. Temos então uma fé muito falada, mas que no fundo é uma fé muda, porque as palavras não dizem nada.

Assim temos no momento atual os dois polos da tensão da fé: silêncio e palavra, grito e linguagem, elán e expressão. Os cristãos tradicionais de um lado insistem em conservar a mesma linguagem, mesmo que esvaziada de sentido, e os cristãos, desencantados do linguajar da fé, de outro lado, se entregam a uma espécie de fideísmo moderno.

O linguajar tradicional da fé continua sendo repetido, mas sua audiência vai diminuindo, à medida em que uma mentalidade neolítica cede lugar a uma mentalidade industrial.

Acontece um verdadeiro des-encantamento da linguagem da fé, com toda a força de sua etmologia [6].

FATO DA CRISE DA LINGUAGEM DA FÉ

No mundo da teologia é um problema que preocupa os estudiosos, por causa de sua gravidade e complexidade. O mal-estar diante da linguagem da fé já se vem sentindo nessas últimas décadas de modo agudo. D. Bonhöffer formulou-o de modo concreto e angustiante de dentro das prisões do III Reich. Sente-se perplexo ao querer falar a respeito do Cristianismo e de quem é Cristo hoje. "O tempo em que se podia dizer tudo ao homem com simples palavras — quer seja teológicas ou piedosas — já passou." [7].

O seu questionamento vai muito mais longe, prognosticando um "tempo sem Religião", em que os homens serão radicalmente a-religiosos [8]. Na sua raiz há um problema de linguagem, de possibilidade de comunicar. Tal é o paradoxo do momento atual: a palavra que devia comunicar a existência de Deus, de Cristo, que devia participar a experiência da fé, torna uma causa de mal-estar e dúvida. A palavra da inter-comunicação se faz obstáculo à comunicação e o lugar de uma fissura

entre nós e em nós [9].

Há realmente um abismo entre a fé e a experiência humana, de modo que a partir desta não se consegue falar da fé [10].

Tanto mais é dolorosa nossa experiência, quanto maïs sentimos que um movimento de renovação, desencadeado após o Concílio Vaticano II, parece perder seu vigor e terminar num grande impasse. Após a Segunda Guerra já presenciamos a duas ondas vigorosas de renovação dentro da Igreja, na sua teologia, no esforço de transmissão de sua fé. Ambas parecem sucessivamente ter terminado num impasse.

Y. Congar numa de suas obras, recordando do grande surto de vitalidade que sacudiu a Igreja, a teologia, nos anos do após-guerra, chega a dizer que quem não viveu os anos de 1946-1947 do catolicismo francês perdeu um dos mais belos momentos da vida da Igreja. Através de uma lenta saída da miséria, buscava-se, na grande liberdade de uma fidelidade tão profunda como a vida, atingir evangelicamente um mundo ao qual se acabava de misturar-se como não se tinha feito havia séculos" [11].

Depois do Concílio Vaticano II, anunciado por João XXIII como um novo Pentecostes para a Igreja, assistimos também a um renascer espiritual e teológico. Parecia que a Igreja encontrava sua posição diante do mundo e falava uma linguagem mais próxima sobretudo na Constituição Pastoral Gaudium et Spes. Reconhecendo de certa maneira o fracasso do movimento de renovação que precedeu o Vaticano II, Y. Congar aponta como causas a falta de laço entre a fé em Deus, a perspectiva do Reino e o homem e sua obra [12].

No fundo, havia uma ininteligibilidade da mensagem evangélica para o homem dentro de sua situação [13]. Hoje sentimos ainda de modo mais agudo essa problemática, apesar de toda atualização trazida pelo Vaticano II. Parece que estamos diante de um naufrágio da veneranda nau da linguaguem da fé e seus destroços estão vogando dispersos [14]. O cristão consegue exprimir-se parcialmente, mas sente que lhe falta uma visão unitária, de totalidade, a respeito de sua fé.

Estamos entrando numa "idade pós-religiosa da fé" [P. Ricoeur]. Nosso linguajar até então pertencia à idade do sagrado, do religioso, e sofremos violento processo de dessacralização e secularização [15]. Será que a fé conseguirá expressar-se numa linguagem secularizada, num mundo a-religioso, em que a mentalidade técnico-científica se faz cada dia mais imperiosa?

TAREFA HERMENÊUTICA

A tarefa hermenêutica não é nenhuma novidade. O homem sempre interpretou, re-interpretou a si mesmo, o seu relacionamento com o mundo, com os outros, com Deus. Dentro do próprio Novo Testamento vemos como cada evangelista teve o cuidado de interpretar Jesus para sua comunidade. Assim, por exemplo, um São João, discípulo do Senhor, incorpora a seu evangelho toda uma tradição sa-

piencial, . . apocalíptica juntamente com idéias filosóficas sobretudo de um filonismo vulgarizado, mas tudo a partir de sua visão pessoal de Jesus.

Não se trata de um ecletismo indigesto, mas de uma tradução de uma experiência vivida no mundo palestinense de Jesus para um meio da Ásia Menor, lugar onde se cruzavam revelações de religiões místéricas e filosofias [16]. Mesmo um evangelho de Marcos, bem assim próximo dos acontecimentos no seu modo de narrar, tem sua interpretação própria de Cristo para uma comunidade cristã, de origem não judia e morando fora da Palestina [17].

Toda a história da teologia é um processo de interpretação. E quando falamos de teologia, entendemos o esforço sério e metódico de exprimir em linguagem coerente a experiência cristã. Experiência vivida dentro de uma comunidade, imersa num mundo cultural próprio. Mas tal problema hermenêutico se faz sentir mais grave quando as mudanças culturais são mais radicais, mais profundas.

O desafio da tarefa hermenêutica é o sentido sob o sentido [18]. Sob a aparência de um sentido imediato, percebido na aparência da letra, na ingenuidade das palavras, a inteligência, humana busca descobrir o verdadeiro sentido. Quando os dois mundos coincidem, aquele que o texto e a fórmula traduzem e o do leitor, o processo se faz espontaneamente. Assim lemos os jornais, os livros de nossa época. Mas quando o texto-de-fundo — **arrière-texte** [Aragon] — perde sua inteligibilidade para o leitor, pois ele se vela com o texto-imediato, o esforço de penetração do sentido se torna dificultado.

Naturalmente não devemos entender o processo de interpretação como se existisse na linguagem um sentido essencial, sobrevoante, trans-histórico, que vai recebendo diversas vestes de formulação. As expressões históricas de fé não se mostram, observa H. Vaz, como acidentes mutáveis de uma substância imutável, segundo o esquema consagrado de um modo de pensar substancialista, mas como vetores de sentido que se compõem diversamente num espaço móvel de intencionalidade significativa [19]. Uma verdade não se veste e ou se despe, como se fosse uma boneca [20]. Portanto o problema não é de vocabulário. A problemática é mais séria e profunda.

O HOMEM NÃO É SOMENTE UMA REALIDADE FEITA. É TAMBÉM PROJETO, FUTURO, AD-VIR, DEVIR. O CONHECIMENTO DE DEUS SÓ PELA INTELECÇÃO DO SER QUE PÕE A QUESTÃO DO SER, O HOMEM.

A Palavra de Deus só pode existir hipostasiada na palavra humana, frágil, caduca. Não se identifica com ela, no sentido de esgotar toda sua força reveladora numa única formulação, ligada a determinada coordenada espaço-temporal. Mas doutro lado, ela só existe nessa palavra humana, e se identifica com ela no momento de sua percepção e expressão. Quando essa palavra humana, que deveria ser a presença-comunicação da Palavra de Deus se esvazia, é o todo que se deve repensar, redizer, reformular. A Palavra de Deus é perene apelo ao homem, mas se exprime na transitoriedade da palavra do homem. Ela só atingirá o homem, lá onde o homem está e existe [L. Beirnaert]. Se esta palavra humana se encontra expressa em outro mundo cultural, a Palavra de Deus não atinge esse homem.

Tal tarefa hermenêutica ficou-nos mais clara, a partir de uma intelecção mais profunda da historicidade do homem. O homem não é somente uma realidade dada, feita, mas projeto, liberdade, futuro, ad-vir e devir. O conhecimento de Deus, o Ser, não se pode compreender senão através de uma intelecção do ser que põe a questão sobre o Ser, isto é, o homem [21]. A auto-intelecção do homem precompreende o Ser. A fé, como expressão do relacionamento radical do homem a Deus, é entendida a partir da intelecção que o homem tem de si. Em toda abordagem da realidade, o homem se reflete nela. O significado da fé estará pois em relação com o mundo de pensar do homem.

RUPTURA DA UNIDADE ECLESIAL-POLÍTICO-CULTURAL

Na cristandade medieval e de certo modo até nossos dias, para a maioria dos homens do Ocidente, o cristianismo era o horizonte geral de um mundo unitário, nos aspectos religioso, eclesial, político, cultural. O cristianismo, como forma de vida, impregnara o mundo ocidental e era seu "modus vivendi". A cultura se exprimia em categorias de pensamento, que forneciam uma base homogênea para a expressão do pensamento teológico, para a tradução da fé em linguagem. Havia uma conaturalidade de mundos.

O cristão médio até nossos dias encontrava ainda uma harmonia entre sua concepção do mundo e o modo de exprimir sua fé. Se surgiam problemas, eram sobre questões mais em detalhe, que recebiam soluções parciais. W. Kern chega mesmo afirmar que o tempo moderno para o católico começou somente na metade da década de 60 [22]. Talvez entre nós, o católico médio ainda não entrou na idade moderna.

A ruptura do espaço hermenêutico homogêneo da civilização do livro [23] se deve sobretudo à revolução científico-tecnológica. A visão filosófico-teológica do homem do mundo pré-científico estava em harmonia com a visão que as ciências de então lhe ofereciam. O desencantamento da natureza iniciado no século XVI vem criando novo relacionamento do homem com o mundo. Ele que sabia ordenar as "coisas" dentro de seu mundo, vê-se hoje envolvido e de-

sorientado pelo mundo de "objetos" que criou. Esse processo, que hoje chamamos comumente de secularização, não acontece sem conflito, crises e mesmo catástrofes [24].

Num mundo em que o homem sabe seu papel, seu lugar, em relação a Deus, a seus irmãos e às coisas, a fé encontra mais facilmente sua expressão. Deus encontra um lugar bem claro e o homem sabe colocar-se diante dele. Mas à medida em que o homem se comporta diante do mundo como de um canteiro em obras, como um enigma e não como um mistério, que tenta decifrar, Deus, como expressão de limite, já não encontra mais lugar. O homem não sabe portanto como expressar sua fé. Aplicando até o extremo seu método científico em que a explicação do inexplicável não se busca fora, num transcendente, mas sim, se posterga para um futuro em que as ciências terão mais possibilidades de resolvê-lo, o homem moderno não sabe como localizar Deus no seu mundo. Sua linguagem se esvazia.

Mais. O método científico tem levado o homem a sempre maior especialização, proporcionando-lhe sempre maiores conhecimentos sobre menos coisas. Sua visão unitária do mundo se dissolve num maremagno de conhecimentos esfacelados. Percebe a complexidade de cada um dos campos do saber. Uma visão unitária hoje só é possível para um espírito ingênuo. A fé se expressava frequentemente em linguagem de totalidade, de visão unitária, e agora diante de um mundo em pedaços, ela sente a defasagem. A linguagem da fé estava acostumada a apresentar a história, como uma grande história da salvação, em que as linhas condutoras eram conhecidas à luz da revelação e cujo termo, ponto ômega, aparece a pessoa de Cristo. Deus se manifesta como aquele que intervém em grandes acontecimentos salvíficos, cuja intelecção a fé nos dava.

O pensamento histórico de hoje nos fala de uma impossibilidade de uma consciência histórica, já que a complexidade do tecido histórico desafia o conhecimento humano. A verdadeira história é inconsciente. Surge mais como um jogo e um enredo, cujo fio só se percebe em longos períodos, já acontecidos. Ela se faz de longas durações e na sua verdadeira forma ela é não-eventual [25].

Mas doutro lado, quando o cristão diz que Cristo é o centro da História, ele não está dizendo nenhuma frase vazia. Seu problema é procurar entender tal expressão de sua fé, num horizonte histórico diferente, em que as visões unitárias, de totalidade, não se entendem, não conseguem sua expressão.

Muitas vezes o cristão médio tem procurado manter um duplo mundo oposto dentro de si. Retém a formulação da fé, com toda sua conotação cultural de outro mundo de pensamento, como um depósito sagrado, privado, culturalmente-do-além, simplesmente inevitável, exigido como preço da graça da fé e doutro lado vive seu mundo cultural próprio, de hoje, onde

Na expressão de sua fé, o homem podia entender-se como um ser livre, construtor da história da salvação e Deus aparecia para ele como seu grande partner

aquela formulação não teria lugar, em verdadeira esquizofrenia espiritual [26].

Em nível individual tal fenômeno pode resistir sem que a pessoa entre em crise. A fé fica colocada muito mais no campo da vontade, enquanto que a visão de mundo se configura no campo da inteligência. Mas sobrevirá certamente forte crise, quando esse conflito não se resolve, em se tratando de uma geração. A fé impelida para o campo do irracional, da decisão, do simples agir, não resiste, a longa data, o embate do mundo das idéias, da cultura, que se lhe opõe ou que lhe pede uma inteligibilidade que ela não sabe dar.

A entrada do pensamento histórico no mundo teológico lhe trouxe profunda força renovadora, não sem riscos e conflitos. Na expressão de sua fé, o homem podia entender-se como um ser livre, construtor da história da salvação e Deus aparecia para ele como seu grande **partner.** Toda uma riqueza de reflexão teológica foi desenvolvida a partir da reflexão histórica. O absolutismo dogmático, a fixidez das formulações, a rigidez das interpretações deram lugar para novas formulações, a partir de uma pesquisa histórica mais ampla. Podia-se ver como um ensinamento se formara dentro da comunidade eclesial e como ele caminhara através dos séculos.

Esse processo de historicização surgido no século XVIII, mas que veio dar seus frutos para o mundo da linguagem da fé só mais recentemente, entra em crise. Quando a teologia já se sentia à vontade no mundo da história, após gigantesco esforço de reformulação, acontecem a fragmentação das ciências humanas com suas metodologias próprias, a fragmentação da história pensada como totalidade, a fragmentação do universo do homem, causando enorme impacto sobre a consciência histórica. O homem sente-se incapaz de unificar os campos amplos abertos pela Psicologia, Sociologia, Economia, Ciências Políticas, etc...

Assistimos, pois, ao fenômeno do surgir de muitas teologias em desconcertante pluralismo. No momento em que a Filosofia apresenta um leque enorme de possibilidades de expressão, as ciências do homem por sua vez fornecem interessantes dados sobre o homem, ainda que cada vez mais parciais, a linguagem da fé se serve de todas essas linguagens como instrumento para sua expressão criando uma linguagem de empréstimo [27]. Essa sensação de um pluralismo enorme de linguagem tem desorientado os cristãos e criado um ceticismo generalizado entre aqueles que se interessam por livros teológicos.

Estamos sendo cada vez mais habituados a um proceder racionalizado, superando um empirismo acrítico e ingênuo. Os fatos nos questionam cada vez mais. Sem cair numa idolatria da estatística, não podemos prescindir dela. Os dados levam-nos à reflexão, se quisermos ser realistas diante da situação. Países que até então tinham um grande público de leitores de livros teológicos parecem sentir uma crise do livro religioso. Grandes editoras, que tinham secções especializadas em livro religioso, fecharam essa secção. Por outro lado nunca pulularam tantas teologias diferentes que se sucedem em curtos intervalos.

Este fenomeno revela a crise interna da teologia e sua repercussão no leitor. Mas no fundo, é a própria linguagem da fé que está em questão. Cada teologia quer ser uma linguagem da fé. São linguagens parciais, tiradas de empréstimo de filosofias diversas, da sociologia, da psicologia. O leitor vendo tal diversidade e não encontrando aquela visão unitária, que tranquiliza e que o cristão médio sempre busca para sua fé, prefere abster de leituras. Sente-se cansado de tanto esforço de atualização.

Sobretudo os católicos não estão habituados ao pluralismo teológico, pois foram educados antes para a unidade e uniformidade que para o pluralismo. As formas dogmáticas eram repetidas na sua materialidade sempre igual, sem que se ousasse criar nova formulação. Hoje as formulações surgem em estonteante pluralismo.

Neste primeiro artigo sobre fé e linguagem quisemos simplesmente levantar o problema e indicar algumas de suas coordenadas. A situação atual é de uma crise de linguagem da fé. A conaturalidade que a fé encontrava com o mundo cultural antes da idade moderna, onde podia expressar-se em suas categorias com maior facilidade, cessou de existir, com a entrada da mentalidade científico-tecnológica.

A teologia, como expressão sistemática e ordenada da fé, carece de um instrumental coerente e unitário. Com isso, surgem diversas tentativas, umas mais bem sucedidas outras menos, para exprimir o todo da fé. O cristão médio, pouco a pouco, terá que se acostumar com essa fase de busca, sem deixar-se decepcionar, tornar-se cético diante de todo o processo teológico de expressão da fé de um lado e, doutro, sem querer refugiar-se num fideísmo total ou mesmo abandonar a sua própria fé, por dificuldade de exprimi-la.

O processo de busca é de toda a Igreja. Cada um dentro de seu campo, com sua experiência, terá seu papel a desempenhar na reformulação da fé eclesial, dentro de categorias que respondam e falem ao mundo, onde ele se encontra. O cristão só pode ser confiante diante dessa tarefa, pela sua dupla fé, em Deus e no homem. Em Deus, cuja presença na pessoa de Jesus Cristo nos foi garantida até a consumação dos séculos [Mt 28, 20]. No homem, que enfrentou crises desde o alborecer da civilização e que tem em si o lampejo divino da inteligência.

Notas

(1) J. LADRIÈRE, **La théologie et le langage de l'interprétation,** em: Revue Théologique de Louvain 1 (1970,3) p. 241/2.

(2) J. ALFARO, **Fides, Spes, Caritas,** PUG, Romae 1968.

(3) A. ABREU, **Um fenômeno de re-sacralização na sociedade industrial madura?** (Católicos-pentescostais e outros carismáticos nos Estados Unidos), ad instar manuscripti, Rio de Janeiro 1972.

(4) H. DUMÉRY, **La foi n'est pas un cri,** Paris 1957, p. 19.

(5) H. DUMÉRY, o.c. p. 20.

(6) M. DE CERTEAU, **La Parole du croyant dans le langage de l'homme,** em: Esprit 35(1967) p. 461.

(7) D. BONHOEFFER, **Resistência e Submissão,** Paz e Terra, trad. bras., Rio de Janeiro 1968, p. 130.

(8) D. BONHOEFFER, o.c. p. 130.

(9) M. DE CERTEAU, art. cit. p. 456.

(10) W. KASPER, **Einführung in den Glauben,** Mainz 1972. p. 13.

(11) Y. CONGAR, **Chrétiens en dialogue,** Paris 1964, p. XLII, citado por: F. Refoulé, Parole de Dieu et langage des hommes, em: Avenir de la Théologie, Paris 1968, p. 15.

(12) Y. CONGAR, Id., p. 18.

(13) K. RAHNER, **A la recherche d'un "abrégé" de la foi chrétienne,** em: Concilium n. 23 (1967, mars) p. 65.

(14) H. VAZ, **Fé e linguagem,** em: R. Cintra (coord.), Credo para Amanhã, II, Vozes, Petrópolis 1971, p. 30ss.

(15) H. COX, **A cidade do homem, trad.** bras., Paz e terra, Rio de Janeiro, 1968.

(16) X. LÉON-DUFOUR, **Les évangiles et l'histoire de Jesus,** Paris 1963, p. 99ss.

(17) X. LÉON-DUFOUR, o.c. p. 166ss.

(18) CL. GEFFRÉ, **Les courants actuels de la recherche en théologie,** em: Avenir de la Théologie, Paris 1968, p. 77.

(19) H. VAZ o.c. p. 22.

(20) F. REFOULÉ, **Parole de Dieu et langage des hommes,** em: Avenir de la Théologie, Paris 1968, p 46-7.

(21) F. REFOULE', o.c. p. 46.

(22) W. KERN, **Der freire Glaube.** Faktoren und Tendenzen der heutingen Glaubenssituation, em: StdZeit 97 (1972,4) p. 221.

(23) H. VAZ, o.c. p. 26.

(24) W. KERN, art. cit. p. 220.

(25) P. VEYNE, **Comment on écrit l'histoire,** Paris 1971, pp. 30-31, 263.

(26) W. KERN, art. cit. p. 221.

(27) H. VAZ, o.c., p. 45.

NOSSA VIDA RELIGIOSA

(Congregação do SSmo. Sacramento)

CONSIDERAÇÕES

sobre nossa vida religiosa na Igreja de hoje

Estas considerações tiveram sua origem nas reuniões de reflexão do Conselho Geral. Procuro sempre participar destas, com muita atenção à realidade presente e com grande preocupação em ver nossa congregação numa Igreja a serviço do Povo de Deus.

O que escrevi tem um valor apenas pessoal. O Conselho Geral tão somente recomendou-me que as escrevesse com maior clareza e lembrou a possibilidade de apresentá-las aos provinciais por ocasião do seu encontro em Roma (fevereiro de 1971). Encontro esse justamente de reflexão sobre nossos maiores problemas e em vista da segunda sessão do Capítulo Geral especial.

Em toda análise mais profunda se deve sempre fazer o desconto ou a percentagem daquilo que entra certamente por parte das características do analista: personalidade, vida, experiências e principalmente suas limitações. Assim também será aqui.

Com todo acatamento e dedicação ao Fundador, à Congregação e à Igreja, esta colaboração é oferecida aos irmãos em vista da melhor realização de nossa pequena família, a Congregação do Santíssimo Sacramento.

Pe. HÉLIO GRANDE POUSA

(por ocasião da reunião dos provinciais da Europa)

NA IGREJA HOJE

1. REALISMO

"Para aqueles que amam a Deus tudo coopera para o bem". "A verdade vos libertará".

A visão real das coisas, nossa reflexão sobre elas e as decisões, são bases indispensáveis para a procura de novos caminhos possíveis e mais provavelmente certos. Precisamos, contudo, de uma autêntica liberdade de espírito para enfrentar os problemas.

Todavia, no caso de nossa situação particular somos, um tanto inconscientemente, coagidos por diversos medos: infidelidade ao fundador e à congregação, não lutar devidamente pela sua salvação ou fazer um governo de impressões negativas...

1.1 Situação geral da Congregação

— Alguns **dados** oferecidos pelo Conselho Geral, a partir de relatórios.

— **Relatório** rápido do R. Pe. Geral após seu contato pessoal com todas as regiões e casas da Congregação.

— **Previsões:** podemos imaginar a situação sócio-religiosa de cada país onde a congregação está presente: África, América Latina...

1.2 Em particular: As províncias da Europa

— Cada provincial apresenta uma rápida visão de sua província no momento atual.

1.3 Crises em geral

— No mundo: a começar pela família, Igreja, Congregação, congregações...

1.3.1 **Crises-efeitos**. É mais fácil sentir as crises pelos efeitos, e sobretudo por aqueles que nos tocam mais de perto: saídas numerosas, poucos aspirantes, insegurança e mal-estar dos que ficam, problemas pessoais que afloram nestes tempos, tentação de criticar tudo e todos... Muita documentação mas pouca imaginação e criatividade; pouca consciência de corresponsabilidade nos momentos de crise.

1.3.2 **Crises-causas**. Aquelas que tocam mais profundamente e se apresentam em forma interrogativa.

— A vida religiosa, para onde caminha?

— O sacerdócio: essencialmente o que significa ser padre? Possibilidade de novas formas e para breve?

— Padre-religioso ou Religioso-padre: um ser complexo que na hora de agir tem dificuldades próprias. Há predominância de um destes valores sobre o outro? Como?

— Especificação das congregações: um valor indiscutível na Igreja. Mas a preocupação com a especificação antes de tudo, está sendo hoje benefício ou dificuldade para a renovação da Igreja?

— Vida comunitária? Algo novo na vida religiosa? Por que se apresenta como condição básica para as novas vocações à vida religiosa?

— Oração: o que é mesmo oração? É ainda preciso rezar? Como rezar?

— Despreparo pastoral: como começar a aplicar os novos planos? Se ao menos fossemos bons catequistas!...

— Os sinais dos tempos: secularização, trabalho profissional com exigências econômicas e de testemunho evangélico, previdência social, socialização irreversível, compromissos sociais e políticos decorrentes do evangelho...

1.4 Em síntese

Nós nos encontramos despreparados e surpresos até, num mundo que independe de nós e se transforma profunda e velozmente.

O Vaticano II não é causa nem origem de nossas dificuldades. Ele apenas constatou, e mesmo assim com certo atraso, um estado de saúde e procurou encaminhar um tratamento. A renovação da Igreja não é uma opção a se fazer; é uma ordem vital a se colocar em execução.

E mais ainda, o Vaticano II nos fez redescobrir tantos valores evangélicos e, animando-nos, ensinou como inseri-los no mundo de hoje. Agradeçamos a Deus por vivermos em sua Igreja em tempos de tantas riquezas e possibilidades.

2. METODOLOGIA

2.1 **Primeira sessão do Capítulo Geral especial** (Roma, setembro-outubro de 1969)

— Não tratamos suficientemente as crises atuais pelas causas principais.

— Condicionados por uma dificuldade que nos vem desde a origem da congregação, — a nossa especificação — envolvemo-nos quase exclusivamente neste assunto particular.

— O Capítulo Geral teve o grande mérito de concluir e afirmar, numa teologia atualizada, que continuamos — mesmo admitindo justas tendências diversificadas — a linha inspiradora de nosso Fundador. Seguindo-a com sinceridade, temos ainda hoje um lugar conveniente, e muito útil, na Igreja.

2.2 **A inter-sessão**

— As dificuldades e lutas não foram todas superadas. Em alguns pontos foram até aumentadas.

— Se o antigo está, ao menos em parte, infirmado e caduco, o novo como expressão desta nossa congregação ainda não apareceu devidamente como era de se esperar.

— Contudo, comprovamos trabalho e zelo por toda parte entre os nossos.

2.3 **Segunda sessão do Capítulo Geral especial** (agosto de 1971)

— Continuaríamos condicionados ao problema de nossa especificação?

— Não seria melhor uma reviravolta completa de método?

— Encontrarmo-nos antes de tudo nos valores básicos, permanentes, insubstituíveis do Evangelho: vida em Cristo, nova eclesiologia, fraternidade no amor, oração, serviço, missão...

— A especificação virá normalmente como um modo de ser e como exigência destes próprios valores. Não será a base da obra mas a sua cor, o seu ornamento... enfim, o coroamento.

— Crescer juntos nestes valores evangélicos e no seu espírito poderá ser o melhor modo de nos "distinguirmos" na Igreja, e na distinção pretendemos ver um esforço de tendência para Deus e para o próximo, e não tanto a verificação de sermos diferentes dos demais.

— A nossa nova "REGRA DE VIDA" deve corresponder a um plano de emergência. Não vivemos em tempos normais e tranquilos;

nossos dias são excepcionais. Portanto, os planos de organização de nossa vida também devem ser especiais, isto é, planos de urgência.

3. UMA SITUAÇÃO COMPLICADA A NOSSA: PACIÊNCIA E PERSEVERANÇA

Muitos são os elementos que entram na constituição de nossa vida. Como já acenamos, hoje entram com suas exigências e crises particulares.

Somos: — religiosos

— padres ou leigos

— com uma especificação: a Eucaristia, que, no entanto, não é exclusivamente nossa.

— Com certa presença do fundador,

— sob as exigências de uma Igreja local,

— pertencentes a uma congregação de âmbito internacional,

— num mundo novo: com sinais dos tempos próprios de **hoje** que vivemos.

Devemos ter paciência uns com os outros e ajudar-nos mutuamente nesta passagem — Páscoa. Estamos todos comprometidos com um gênero de vida que já conta em anos sua história, e que independentemente de nós tornou-se muito complexo. Quando pretendemos atuar no mundo de hoje dentro de um tal gênero de vida, nos encontramos num tal emaranhado de valores e orientações que se torna difícil decidir sobre qual o caminho a seguir. Em outras palavras, estamos acorrentados numa armadura tão pesada e complicada que ao invés de sermos ajudados por ela, verificamos que esta dificulta e não corresponde à simplicidade do Evangelho e à libertação do homem. Não devemos, portanto, nos surpreender se muitos dos nossos sentem a tentação de partir; fora das estruturas da congregação podem ser bons, fazer muito bem aos outros, continuar numa linha eucarística muito rica e sem toda esta complicação.

4. SIMPLICIDADE E CORAGEM DE QUESTIONAR

Em relação aos tempos do Fundador não somente a teologia eucarística evoluiu profundamente. Esta evolução atingiu ainda mais sensivelmente a Igreja e o mundo. A falta de hierarquia de valores, a não distinção entre o que é fundamental e secundário, absoluto ou relativo, causa confusão e dispersão de forças na ação, dualismos e dicotomias em nossa vida.

Principais valores fundamentais	Valores relativos
— Jesus Cristo	— Fundador
— Evangelho	— constituições
— Igreja	— congregação
— Eucaristia	— "adoração"
— Vida religiosa	especificação

4.1 Valores relativos

4.1.1 O Fundador

— Exemplos de outros: São Francisco de Assis, leigo, mais tarde diácono, com seu espírito e sua origem próprios... e as formas e dimensões imprevisíveis do franciscanismo no mundo. Ou então Santo Inácio e a Companhia de Jesus: sua história própria e sua presença no mundo, hoje.

Achamos que algumas congregações são exageradas quanto à devoção aos fundadores. Parece até que Jesus Cristo vem em segundo lugar. Não corremos, todos os religiosos, certo risco de divinização de nossos respectivos fundadores?

Não estando eles mais vivos, como podemos recorrer a eles para decidir nossas dificuldades existenciais? A presença do espírito do fundador na congregação não é certamente da mesma natureza que a presença do Espírito Santo na Igreja!

Os estudos históricos sobre os fundadores — e como são preciosos! — nos ajudam a conhecer seu espírito, mas não nos oferecem soluções para os problemas de hoje. Para estes temos orientações mais claras nas declarações do Magistério, nos documentos e exigências pastorais e da Teologia na Igreja.

A fidelidade ao fundador quando tomada muito materialmente, pode ser inútil e até mesmo prejudicial à Igreja em sua renovação atual.

Poder-se-á objetar que a própria Igreja determinou a fidelidade ao fundador entre os princípios da renovação da Vida Religiosa (P.C.1,2). Realmente cinco são os princípios gerais:

— Seguimento de Cristo, regra suprema,
— Espírito e intenções específicas dos fundadores.
— Participação na vida da Igreja.
— Respeito aos homens e à época, para ajudar mais eficazmente.
— Renovação espiritual antes de tudo.

Em outras palavras, santamente e dentro da Igreja:

1. Preocupação pelo passado: volta às fontes, a Cristo no Evangelho.
2. Preocupação pelo presente: este mundo a salvar, hoje.
3. No espírito do fundador.

Os dois primeiros valores são fundamentais e imprescindíveis. O fundador é um valor histórico, relativo. Por isso, não basta apelar para a fidelidade ao fundador, se primeiro não formos fiéis ao Evangelho e aos sinais dos tempos.

O fundador e sua obra têm sua relatividade no tempo e no espaço. Durante longo tempo na Igreja, a congregação não existiu. Hoje existe. Amanhã pode não existir. A Igreja continuará.

O fundador teve seu espírito e foi útil à missão da Igreja. Seu espírito pode e deve continuar, mas sua obra continuará se tiver a capacidade e a força de se renovar conforme este espírito.

Nós cremos que somos chamados a partilhar das angústias de nosso fundador, quando, em meio às realidades de seu tempo, se perguntava "o que podia fazer de melhor pelo Reino de Deus neste mundo".

4.1.2 **Especificação**

Muita coisa haveria a dizer, mas abordamos tão somente alguns pontos para nossa reflexão:

A especificação é uma simples distinção na Igreja? Ser diferentes dos outros? Há muitas possibilidades de se tornar diferentes.

— Ou implicaria uma **especialização?** Deveríamos ser especialistas da Eucaristia na Igreja?... teologia, liturgia, catequese, vida em comunidade, justiça, paz...

— Seria justo condicionar meninos e jovens com uma rígida especificação (seminários menores, noviciados...)? Ou então, isto teria sido ao menos de boa pedagogia?

— Todas as mil e tantas congregações na Igreja têm realmente uma especificação própria? O mesmo poder-se-ia dizer do carisma.

— Para a entrada numa congregação, qual costuma ser a motivação predominante: o sacerdócio? a vida religiosa? ou a ESPECIFICAÇÃO de tal congregação?...

— Da parte do povo de Deus, como é vista e sentida a especificação de um grupo dentro da missão global da Igreja? Em muitos lugares os fiéis nem sequer consequem perceber a diferença existente entre clero diocesano e padres religiosos.

— E da parte do próprio clero diocesano? Já se ouviu alguma

vez resposta como esta: "Eu sou da ordem de São Pedro"! Há alguma piedosa ironia nisto?

— Em grupos intercongregacionais, conferências regionais de religiosos, faculdades etc. a preocupação comum dominante é o "o Evangelho, hoje, no mundo, a começar da base, união de forças"... Quase não se fala de especificação. Alguns afirmam mesmo que isso (especificação) vai acabar ou se reduzirá ao mínimo. Só persistirão aqueles grupos que possuem verdadeira especificação (e especialização). Qual seria sua experiência a respeito?

— **Realidade:** uma questão de fato. A congregação assumiu no mundo uma grande variedade de responsabilidades pastorais: paróquias, santuários, escolas, missões, favelas, problemática de terceiro mundo, pastoral dos grandes centros, pastoral do meio rural, capelanias diversas, assessoramento de setores especializados...

Situação de religioso dentro desta diversidade: como organizar sua vida e seu ministério? A partir das necessidades do povo e a pastoral local e adaptar-se? Ou partir de sua especificação e impô-la a todo custo ao povo (Igreja local)?

— Uma especificação pode ser ao mesmo tempo preciosa e perigosa. **Preciosa** se significa uma perfeição de vida e de trabalho especializados. Se for uma especialização ligada a valores fundamentais do cristianismo (Eucaristia, por exemplo) será preciosíssima e de todos os tempos. **Perigosa** quando, sendo uma simples distinção (diferente dos outros) por um valor secundário, toma aspecto de valor fundamental na Igreja e assim dificulta a realização do que é verdadeiramente essencial.

4.1.3 As Congregações Religiosas no século XX (principalmente)

Constatação de um fato: a proliferação de pequenas congregações religiosas e confraternidades, quase como mania da época (Cf. Biografia de Pio IX). Todo movimento da Igreja deve organizar-se em termos de vida religiosa ou, ao menos, de confraternidade, com sua "sede primária em Roma".

Surgem então, numerosas congregações e todas elas com características de urgência; todas elas com diferenças baseadas em valores secundários sob o ponto de vista evangélico, isto é, diferentes por exercícios de piedade, patronos, obras sociais supletivas tais como ensino, enfermagem etc. Não se diferenciam especificamente pelo testemunho mais explícito de um (ou vários) valores evangélicos essenciais à vida da Igreja.

Essas congregações progridem e fazem o bem. São as necessidades do momento que contam e a graça geral que ajuda. Geralmente não trazem soluções radicais e adequadas aos problemas humanos, mas

se limitam a soluções patentes e possíveis no momento histórico. Num futuro próximo também nós seremos julgados do mesmo modo. Isso porque não previmos, em nossas soluções, as viagens interplanetárias, a Europa Unida, o socialismo que substitui a democracia, o Vaticano A, a Família B, a Moral C, a Liturgia D etc.

Sua preocupação para com a pastoral orgânica fundamental, foi restrita e pouco eficaz: educação da fé, espiritualidade evangélica, católica, batismal, vida em Cristo, Eucaristia celebrada e vivida de modo a "fazer nascer a Igreja"...

Uma vez estabelecidas as estruturas, normalmente vem a principal preocupação: "reforçar e aumentar os quadros de pessoal para sustentá-las: vocações, seminários, construções, governo central, expansão e estrutura internacional..." Logo a seguir sobrevém a crise. Este modo de ser e fazer já não é mais eficaz. O que somos ou o que devemos ser na Igreja e no mundo? Eis a pergunta fundamental.

4.1.4 Nossa congregação em particular

É necessário um reexame sério e metódico das circunstâncias em que surgiu nossa congregação em particular. Um estudo sério da história da própria congregação, com visão crítica das situações e limitações dos inícios, poderá ser de grande ajuda. É importante reter os dados essenciais do carisma, sem nos perdermos no emaranhado das circunstâncias. Só o testemunho de autênticos valores evangélicos e a missão de responder a necessidades atuais, poderá justificar a sobrevivência de uma instituição. A atualidade da congregação, por outro lado, está intimamente ligada às possibilidades de cumprimento da missão. O exame dos quadros, tanto estruturais como de pessoal componente, é indispensável para que se pense em sobreviver. A carga histórica poderá ser pesada bagagem que não raro contrasta com a autenticidade, atualidade e eficácia.

4.2 Nossa formação

Fomos formados como profissionais da "piedade". A quantidade de exercícios pios quase absorveu a nossa formação. E é com esta bagagem que pretendemos alimentar os homens na piedade.

Aos que se confessarem, comungarem e adorarem, já nada mais teremos a dar e nem a exigir. Paramos numa pastoral sacramentalista quando não pietista.

O clima criado no período de formação não permitiu opções claras e livres sobre decisões graves que envolvem a totalidade da pessoa e pela duração de toda a vida: castidade, vida religiosa, comunidade de oração, especificação das próprias atividades pelo carisma de "uma congregação"...

4.3 Algumas conseqüências

Sentimo-nos pobres, despreparados e medrosos, mesmo espiritualmente, para enfrentar um mundo difícil e de rápidas mudanças; incapazes de nele realizar uma missão exigente.

Sentimo-nos na urgência de redescobrir valores fundamentais, que já tínhamos percebido e pensávamos ter adquirido, mas que a experiência de hoje nos censura pela sua infecundidade. Entre outros, citamos: a Palavra de Deus na vida e no anúncio, a oração, a vida em fraternidade, a pobreza e os engajamentos que comprometem com as situações dos pobres, a Eucaristia como exigência de justiça, de união, de paz...

Alguém disse ironicamente: "os religiosos são aqueles que estão prontos para tudo, mas preparados para nada". "Não basta ir aos leprosos; é preciso primeiro saber se se está preparado para ser útil a eles". Competência profissional, seja catequética, pedagógica, apostólica ou assalariada, é lei fundamental do trabalho.

Não é para se admirar, portanto, com o que está acontecendo hoje na Igreja e nas congregações: abandonos, saídas, dispersão de forças... e pior ainda, o desinteresse dos jovens em comprometer-se com as nossas estruturas eclesiásticas!

Sofremos com a Igreja e assumimos com ela esta realidade presente, dolorosa e alertante. Não nos cabe condenar ninguém. Todos devemos assumir com responsabilidade. Seria muito triste e humilhante para nós, se diante desta realidade gritante, de um mundo novo que desafia o evangelho, não conseguíssemos enfrentar e sair do pequeno mundo de nossas dificuldades particulares. Seria doloroso que, enquanto o mundo urge soluções evangélicas para problemas angustiantes e globais, nós ficássemos afogados na defesa de exercícios e no debate de questões estéreis!

5. PISTAS PARA UMA COMUNIDADE EM MARCHA - SUGESTÕES

5.1 **Um grupo de fato:** este grupo que somos nós, com a mesma origem em nosso fundador, com uma história mais ou menos longa, com suas virtudes e defeitos... Um grupo que tem compromissos com a Igreja, HOJE.

A preocupação de justificar com o passado — o peso do "sempre foi assim" — não nos tem permitido refletir devidamente sobre o presente e o futuro, pelos quais somos responsáveis (Cf. **Dove va la vita religiosa,** Trento 1970, p. 41).

5.2 **A nova "REGRA DE VIDA":** não podemos e não devemos esperar que seja como as Constituições do Fundador. Ele as imaginou

quando o grupo ainda não existia adequadamente, portanto, sem levar em consideração um grupo concreto. Fazia-as mais em previsões, do que em função das limitações humanas e condicionamentos de tempo e espaço. Hoje nós procuramos que expresse e anime a unidade de um grupo de Igreja.

5.3 Somos antes de tudo um grupo de irmãos e isso por opção livre.

A razão fundamental da nossa reunião em grupo é que somos religiosos, decididos a viver em fraternidade na caridade. Isso significa que devemos nos amar e ajudar mutuamente como irmãos, em família. Não é justo que nos dividamos em progressistas e tradicionalistas. Devemos nos supor todos sinceros e de boa vontade na procura comum e necessária de novos caminhos. É preciso evitar a presunção de quem pensa ter todas as soluções para todos os problemas, bem como o farisaísmo dos que criticam os esforços novos, porque se acham seguros em suas posições antigas. Todo método polêmico ou atitude menos leal, como se estivéssemos num jogo para vencer, não pode ter guarida em nossas comunidades.

5.4 É urgente que nos ajudemos na redescoberta dos valores fundamentais do cristianismo e na renovação de nossas opções de engajamento com a Igreja e na Congregação. Entre outros, lembramos:

O respeito à pessoa: inútil projetarmos instituições humanas se menosprezamos as leis psicológicas e sociológicas que condicionam os indivíduos e, consequentemente, os grupos. Promoção integral do homem é nova expressão do mandamento de amar ao próximo!

O Evangelho como boa notícia de libertação do Homem.

A riqueza da **vida cristã,** pura e simples, sincera e autêntica. O que conta realmente é ser bom cristão, o que aliás não é fácil. Estamos inseridos no POVO DE DEUS.

Somos reunidos em congregação, antes de tudo, religiosos, em fraternidade de caridade. A vida religiosa é uma forma especial de vida cristã, evangélica, que procura e ajuda a ser cristãos de modo radical.

A **comunidade cristã** não é o simples morar, comer e rezar (dizer orações) juntos. É antes de tudo comunicação de pessoas. Isto supõe certa tendência (vocação), formação e indiscutivelmente a graça de Deus.

Os **votos religiosos,** na atual forma canônica de vida religiosa, devem significar e promover uma libertação mais completa por causa e em razão do Reino de Deus.

A **oração** está em crise no mundo, na Igreja e na vida religiosa. E no entanto permanece evangélico o preceito de que "é preciso rezar sempre e não definhar". Redescobrir o sentido da oração, sua necessidade, sua atualidade, sua urgência, são condições imprescindíveis da vida religiosa.

A **eucaristia,** salvação hoje, em sinais. Não é somente o culto específico de uma congregação. Ela celebra e nutre a vida cristã. É exigente. A boa catequese não separará liturgia e vida. A riqueza e a responsabilidade que compete às congregações que se dedicam de modo especial ao valor evangélico da Eucaristia na vida da Igreja.

A presença de Cristo-Senhor no Sacramento, na Igreja, na Palavra de Deus, no ministro, em nós, principalmente nos pobres e oprimidos.

Promover e lutar pela Justiça e pela Paz, como exigência humana, evangélica e muito essencialmente da eucaristia.

6. FORMAÇÃO E RECICLAGEM — ITINERÁRIO DE AJUDA

Anexo ao presente esboço de reflexões, um estudo prévio sobre a "forma de vida". Como está redigido mais em estilo de princípios e exortação do que estatutário, achamos útil apresentá-lo como subsídio para encontros de comunidades, retiros, cursos e planos de reciclagem.

O esquema básico é o seguinte:

6.1 Um fato: somos um grupo.
6.2 Reunimo-nos, antes de mais nada, como religiosos.
6.3 Exigências de uma vida cristã em contínua renovação.
6.4 Uma característica: o carisma (mistério eucarístico).
6.5 Vida de oração: cultivo da Palavra de Deus como experiência religiosa:
6.6 Uma nova consagração (expressa pelos votos e pelo compromisso com uma missão).
6.7 Nova vida comunitária.
6.8 Nossa vida realizada em primeiro lugar NA IGREJA LOCAL.
6.9 Nosso lugar e missão na Igreja Universal. Caráter internacional da congregação.
6.10 O pluralismo. Os estatutos provinciais. A comunidade em marcha. Conclusões.

7. JOVENS. VOCAÇÕES: IGREJAS NOVAS

Não pretendemos canonizar os jovens, mas também não queremos considerá-los piores do que nós o fomos em nossos tempos. Eles têm características e são marcados por sua época, de um mundo sem apoio seguro no passado e cheio de apreensões para o futuro. Cremos, contudo, que nada melhor para sentirmos e percebermos os sinais dos tempos do que ouvirmos os jovens de hoje e com eles refletirmos. São críticos, às vezes até irreverentes ou sem preocupação com a gratidão ao

passado, mas geralmente coerentes e sinceros em questionar coisas que nós aceitamos, muitas vezes sem grandes convicções.

Nossos jovens — religiosos jovens, seminaristas, jovens de movimentos, outros possíveis candidatos — podem ser considerados de duas maneiras:

7.1 **Em relação a nós** e à nossa vida religiosa tradicional.

Os que estão entre nós terão dificuldades na perseverança. Para os outros que ainda não entraram será sempre menor a possibilidade de novos candidatos, variando, é claro, de lugar a lugar.

Isto porque **estes** jovens de hoje e **esta nossa** vida religiosa se excluem mutuamente.

7.1.1 Esta vida religiosa os vê, ou como já viciados pelo mundo donde provêm, ou os considera pouco generosos para aceitarem e viverem aquilo que ela lhes propõe hoje como valores.

7.1.2 Os jovens de hoje não se interessam por ela porque:

Ou, num certo extremismo, a condenam como grupo superado que, absorvido pela estrutura e pela letra, não anunciam nem testemunham o evangelho.

Ou, reconhecendo mesmo certos valores nela, não sentem bastante motivação para se consagrar a este estilo de vida, toda uma existência.

Ou, admirando aqueles que aí estão, não têm suficiente coragem de segui-los. São tantos os condicionamentos secundários que a realização do cristão e sua eficiência apostólica ficam coagidos ao entrar para a vida religiosa.

Ou, porque já pressentem que podem criar novas formas de vida religiosa, mais fiel e adequada às exigências e necessidades do mundo de hoje e do Evangelho.

7.2 **Os jovens em relação a eles mesmos,** isto é, em relação à geração de que fazem parte com seus problemas, suas angústias e suas esperanças. De fato, o que deve contar são suas qualidades cristãs e suas possibilidades com relação ao mundo em que vivem.

7.2.1 Eles são capazes de generosidade e engajamento; até mesmo de heroísmo. Os exemplos se contam aos montes. Creem que Jesus Cristo e seu Evangelho são ainda atualíssimos para esse mundo. Depende do como vivê-lo e apresentá-lo.

Vale à pena seguir a Jesus Cristo de muito perto, mas o engajamento de toda a vida num estilo de vida, só em caso de compromisso com valores muito fundamentais que possam transformar o mundo e contribuir para orientar as mudanças em curso.

7.2.2 Como apresentar-nos a eles, antes de mais nada? Como a Igreja, os religiosos, esta congregação, esta obra, esta devoção poderá

atingi-los?

Eles se motivam pelo que está mais perto e mais vivo para eles. Ignoram o mecanismo de nossos regulamentos e estruturas. Se entusiasmam, ao invés, por um grupo simples, aberto, marcado fortemente pelo essencial do Evangelho, compreensivo para com este mundo; admiram e aderem a homens de fé e de oração; homens ao mesmo tempo eficientes na ação, testemunhando com a vida o que anunciam pela palavra.

Podem escandalizar-se de nossa sinceridade se se sentem objetos de nossa pesca para os quadros congregacionais.

Consideram normal se uma séria pastoral de juventude os leva, pela educação da fé e da vida em comunidade, a procurar o seu lugar de responsabilidade e de engajamento na Igreja.

Estamos acostumados a pensar em padres e religiosos, quando falamos de dedicação aos outros e de engajamento na Igreja. Não nos lembramos suficientemente de quanto o Vaticano II valorizou o leigo na Igreja, em termos de verdadeira vocação cristã e de corresponsabilidade.

Quanto às possíveis vocações para a vida religiosa, uma vez feito o que nos toca a nós, cabe ao Senhor enviá-las. Não é somente dos formadores e "recrutadores" a responsabilidade neste campo. É, antes de tudo, responsabilidade das comunidades de religiosos professos e de ministério. Nós devemos testemunhar uma vida fraterna e apostólica, digna de ser vivida e seguida por jovens que queiram abraçar o Evangelho.

7.3 **A vida religiosa** — e a congregação — **nas Igrejas novas.**

Naqueles lugares, principalmente nas Igrejas novas, onde a experiência do passado e a realidade do presente não nos permitem previsões otimistas quando às vocações que garantam o futuro, devemos colaborar com a Igreja local na procura de **novas formas de engajamentos eclesiais** (sacerdócio, diaconias, vida evangélica religiosa etc). Formas que sejam possíveis e mais de acordo com as necessidades dos lugares. A América Latina ainda está a exigir uma vida religiosa que tenha possibilidade de atender os seus desafios.

8. CONCLUSÕES

8.1 Eis um estudo a mais a favor da renovação. Será útil? Foi nossa intensão servir à causa da renovação. Todavia sabemos que estudos e documentos não realizam a renovação necessária. Estes podem inspirá-la, animá-la e dar unidade aos diversos esforços. Cabe às bases, aos que estão no dia-a-dia com o Povo de Deus, realizá-la com fidelidade ao Espírito e muita criatividade, fazendo suas experiências e principalmente perseverando no esforço.

8.2 Por isso, superiores e sobretudo os provinciais, que terão como

primeira tarefa a atenção para seus religiosos, serão os líderes da renovação, animando constantemente suas comunidades.

8.3 Se um grupo, por uma razão ou outra, não sabe se mover no novo modo pluralista e corresponsável, o superior não tenha receio de intervir para ajudá-los positivamente. Não se pode mais ficar inertes, aguardando que as soluções caiam dos céus!

8.4 Devemos nos habituar à reflexão metódica, principalmente em comunidade, sobre a nossa vida, trabalho, estudos e esforços de atualização; sobre os resultados e o futuro de nossa atividade. Para alguns poderá ser um esforço intelectual, para outros um exercício de coragem confiante. Não basta que estejamos sempre ocupados. Um dever que se cumpre é em vista de um objetivo concreto; por isso é conveniente que se reexamine se se realiza de fato um bem ou se pode ser melhor; é preciso se perguntar se não há outro valor mais urgente, exigindo outro dever a ser cumprido. Estabelecer prioridades.

8.5 No julgamento das coisas, situações e circunstâncias, corremos o defeito de fazê-lo unilateralmente, por um único valor, quando elas podem apresentar maior complexidade: aspectos teológico, litúrgico, histórico, regional etc. É o caso, por exemplo, de certas formas de oração e de certas obras. Um sincero pluralismo pede a mútua aceitação e respeito às pessoas como são e com suas opiniões. Isso não dispensa um esforço de todas para um encontro positivo e sempre maior em torno dos valores fundamentais.

8.6 Onde se podem manter as obras tradicionais — porque são úteis — que continuem e sempre melhor. Mas que isso seja feito sem espírito de exclusividade, como se a missão da congregação hoje, na Igreja, se limitasse a essa forma. Não se omita nunca, porém, a reflexão séria sobre os frutos destas obras em termos de verificar o crescimento da Igreja local.

Um novo entusiasmo é possível entre nós, se soubermos perscrutar e nos dispormos a realizar tudo o que a Eucaristia pode dizer a celebrar na Igreja e no mundo de hoje!

8.7 Nossa preocupação não pode ser a de salvar algo, mas a de ser, neste momento, plenamente Igreja, Reino de Deus visível na terra. Tudo o mais virá por acréscimo!

8.8 Uma lembrança de João XXIII, o papa da "transição" na Igreja. De seu testamento destacamos: "Meus filhos, amai-vos uns aos outros. Procurai mais aquilo que nos une do que aquilo que vos divide. Na hora do adeus, ou melhor, do "até outra vista", recordo a todos o que mais vale na vida: Jesus Cristo, seu Evangelho, sua santa Igreja, a verdade e a bondade... A todos guardo na memória e por todos hei de rezar". Amém.

CURSO DE FORMADORES

C R B SÃO PAULO

Uma profunda e sincera preocupação pela formação dos jovens religiosos reuniu cerca de 80 formadores de 42 Congregações, masculinas e femininas, numa proporção de 2 por 1, no curso realizado em Itaici, de 21 a 31 de agosto passado.

Dada a importância e prioridade do curso que, segundo os objetivos da CRB, visava a atingir uma faixa de religiosos de graves responsabilidades no setor de formação, tudo foi feito no sentido de proporcionar aos participantes, além de excelentes explicitadores, um clima de cordialidade e fraternidade, que é e deve ser sempre aquele clima de irmãos que se encontram e se amam em Cristo Jesus.

Como abertura dos trabalhos, o Pe. Joel Ivo Catapam, SVD, Presidente da CRB Regional de São Paulo, proferiu palavras de boas vindas, salientando a importância desse curso e, por isso mesmo, a preocupação da CRB para que ele correspondesse às aspirações de todos quantos aí se encontravam, com a máxima disponibilidade e vontade de buscar maiores e melhores conhecimentos para exercerem sua missão de educadores. Acentuou que, para o educador dos jovens religiosos, não basta a boa vontade, nem mesmo a santidade. Ele deve procurar adquirir sempre mais aque-

la sabedoria que, juntamente com a base de conhecimentos teológicos, eclesiais, conciliares, psicológicos e pedagógicos, dá ao educador a coragem de assumir a nova geração, cheia de vontade de corporificar, em plenitude, o estilo de vida vivido e testemunhado por Jesus Cristo.

Toda a temática sugerida e desenvolvida no decorrer dos 10 dias tinha como objetivo **a pessoa humana como sujeito e agente da formação**, num processo de personalização, dentro de todo um contexto de ordem antropológica, social, psicológica e religiosa, que exige uma pedagogia de acordo com esta complexidade que constitui a própria pessoa humana.

Nesta visão da pessoa, como um todo, o Pe. Celso Pedro da Silva, membro da equipe do CENFI, abriu as primeiras perspectivas, mostrando as origens étnicas do povo brasileiro, uma vez que, em nosso caso, se trata de conhecer para orientar o jovem brasileiro. Colocadas as origens étnicas de um povo, cuja herança é conseqüentemente rica em diversidade de cultura, crenças, costumes e sentimentos, seguem-se as características fundamentais deste mesmo povo:

1. **Pessoa cujo valor predominante é o AMOR, o AFETO.**
2. **Povo nostálgico: sentimental.**
3. **Vive no presente, mais que no passado ou futuro.**
4. **Povo sumamente hospitaleiro.**
5. **Pessoa contraditória (sem que para ela haja propriamente contradição, devido a mestiçagem de sua constituição).**
6. **Inconstante.**
7. **Prefere a indireta.**

CONSEQÜÊNCIAS EDUCATIVAS

1. **Desenvolver as energias latentes deste homem concreto.**
2. **Abandonar os padrões de fora e criar próprios.**
3. **Orientar a religiosidade inata.**

Continuando, numa visão de religiosidade brasileira, o Pe. Mauro Batista, SVD, conduziu a reflexão para o aspecto da evangelização, partindo da religiosidade existente. Confrontada a situação do catolicismo no Brasil, sua origem e sua evolução, dentro das diversas constelações religiosas, como sejam: a evangélica, sacramental, devocional e protetiva, com tipologia da religiosidade popular brasileira, abriram-se os horizontes para as exigências de uma autêntica evangelização que seja capaz de levar as pessoas a uma profunda adesão de fé.

Não há receitas. Dada a realidade de uma verdadeira ilusão de catolicismo, é preciso descobrir as causas desta situação, sua origem, sua história, e criar condições para uma evangelização eficiente. É preciso tomar o pulso do nosso povo, para sentir-lhe os pontos sensíveis de religiosidade. É preciso saber analisar os verdadeiros motivos de acorrência do povo aos movimentos de religiosidade popular, por exemplo, o Pentecostalismo e a integração dos grupos pentecostais brasileiros; a freqüência aos terreiros de macumba, candomblé, etc. Confrontar com essa realidade os

nossos métodos de evangelizar, de cristianizar, de recrutar, etc.

Constitui missão da Igreja, portanto, missão nossa, evangelizar este povo, com esta realidade, continuou insistindo o Pe. Fernando Bastos D'Avila, SJ. Depois que um Deus morreu pelo homem, não é possível, nós, Igreja, não levarmos a sério este mesmo homem, com sua realidade concreta. A ação direta da Igreja, na realidade temporal, é subsidiária, e se reduz na medida em que a sociedade assume maiores responsabilidades. Cabe à Igreja uma ação indireta, específica, que se explicita numa tríplice função:

— **Exercer a crítica (à luz do evangelho, no exercício da missão profética).**

— **Testemunhar a esperança.**

— **Ativar o amor.**

Existem tensões entre as gerações. Antigamente, havia valores comuns, hoje, rompeu-se com este denominador comum e isto dificulta o diálogo. Como se chegou a esta situação? Há duas hipóteses:

1. **Processo progressivo:**

   1.1. Superficial: abandono das convenções.

   1.2. Em nível dos padrões de comportamentos — controle social.

   1.3. Em nível dos próprios valores.

2. **Processo císmico:**

   Abalo subterrâneo que faz desmoronar as estruturas.

Causas determinantes:

1. Distorção pedagógica da educação **permissiva.** Aplicaram-se na educação teorias ainda não comprovadas. Não se levou em conta o duplo nascimento: biológico, adolescente. A autoridade educadora teve que se remir de uma série de condicionamentos.

2. Tudo leva a crer que as duas gerações se encontram em espaço cultural diferente. Ainda não se conseguiu um código comum.

Causas agravantes:

1. Hipocrisia versus autenticidade.

2. Impacto da divulgação das ideologias de contestação. A situação clama por um esforço de compreensão, de discernimento autêntico. É preciso uma sabedoria profunda para discernir os valores dos pseudo-valores. É preciso saber buscar o diálogo certo na hora certa, à base dos valores, não perdendo de vista a nossa própria vocação social.

Sendo a pessoa um ser social que participa da sociedade e se organiza como a mesma sociedade é organizada, segue-se daí que o formador empenhado em dar elementos para a modificação de comportamentos deve trabalhar não só com pessoas, mas também com estruturas sociais.

Foi este o ponto de partida das explicitadoras Joreny Nasser Kedy

e Maria Regina Branco, para entrarem na perspectiva psicológica da formação. O formador deve se comprometer com as crenças, valores e papéis sociais, ou seja, com a cultura do seu tempo. Antes de tudo, é necessário situar o momento cultural em que vivemos.

A cultura é um processo dinâmico que varia com os momentos de evolução e caminha em ciclos dialéticos. Ela nasce, cresce e amadurece, dando origem a um novo ciclo cultural. Chama-se período de maturidade o que apresenta a estrutura num nível máximo de estabilidade, em que as tensões são mínimas e, portanto, as distâncias culturais também são mínimas.

Sendo a cultura um processo dinâmico de superação dialética, de conflitos, a estabilidade não pode ser duradoura. Surgem as tentativas de forçar e precipitar o processo histórico, questionando uma situação até então incontestável. A cultura, sentindo-se ameaçada, reage, para manter a ordem estabelecida, passando então a se dividirem os grupos em:

a) Reacionários

b) Contestadores

c) Alienados.

Na medida em que caminha o ciclo cultural para o seu fim de período, as contradições se aguçam, as tensões crescem, e tese e antítese se afastam em distâncias culturais cada vez maiores. A síntese se fará com muitas dores, num terrível desafio a todo o processo natural de crescimento humano.

Conseqüências. Vivemos num período de fim de cultura para o início de outra. As características desse período são as seguintes:

1. Mudanças em nível de referências, modificando-se os próprios critérios de avaliação do comportamento, de tal modo que os valores tradicionalmente defendidos, agora podem ser negados, e vice-versa.

2. As transformações são saltos qualificativos, dialéticos, representando verdadeiras revoluções.

3. As mutações, na passagem da História, são substanciais. Opera-se a metamorfose de uma larva que deixa de ser larva para se tornar uma borboleta.

4. As transformações são aceleradíssimas. Dez anos de distância agora, não significam dez anos em outra época.

Tudo isso gera desorientação e angústia. Nós não fomos formados para viver uma revolução cultural. Muito pelo contrário, sofremos uma educação que nos condicionou para um mundo bem definido, bem configurado. Sabe-se o que já não funciona mais, que está ultrapassado, mas não se sabe como fazer. A fase final da borboleta só poderá se definir após a metamorfose da larva. Não a vemos ainda. Tudo isso gera angústia, mas uma angústia existencial, tão própria para os que assumem a História e aceitam que o amor, na dimensão do mundo, ou é operante e transformador, ou não passa de alienação.

A educação hoje, portanto, deve levar em conta:

a) A idade da cultura: começo, meio ou fim.

b) A idade do educando: nível primário, médio ou superior.

Falamos de angústia, mas vivemos também de esperança. A nossa fé em Cristo é absoluta. Para nós, o Cristo viveu ontem, vive hoje e viverá amanhã, e com o Espírito Santo, Ele dirige a História da Salvação, através de inúmeras peripécias. Percebemos que, não obstante a indiscutível confusão reinante, o cristianismo oferece sintomas de renovada vitalidade. O mundo com suas dores de parto, como diz São Paulo, começa a intuir a necessidade de Cristo.

O que falta, talvez, para nos colocarmos em marcha, em direção a novos rumos, são homens que sejam capazes de intuir o futuro, que saibam ir para além das coisas, arrastando com seu testemunho. Faltam PROFETAS de que o mundo tem necessidade, sobretudo em momentos de transição. Diante do profeta, ninguém permanece passivo, porque ele obriga a tomar uma posição. É a hora dos corajosos, que estão dispostos a viver o evangelho até as últimas conseqüências. Nada há de mais revolucionário que o amor.

Todo o formador é responsável para criar um clima que **facilite** a formação. O fim da chamada formação é essa **facilitação** do encontro do formando consigo mesmo. O objetivo da formação é ajudar o formando a **ser pessoa,** em face do mundo, para que ele chegue a intuir qual a posição que deverá tomar. Sendo o educando o próprio sujeito da formação, só ele poderá descobrir respostas construtivas, experimentadas, mutáveis, em processo. Para isso, é necessário um relacionamento intensivo entre formador e formando, que tenha as seguintes características:

1. **Autenticidade.** É ser uma pessoa real, sem ostentar aparência ou fachada, para que a comunicação se faça de pessoa à pessoa.

2. **Apreço, aceitação, confiança.** É a aceitação dos sentimentos do formando, das suas opiniões, da sua pessoa, como ela é, dotada de potencialidades, dar-lhe crédito, como homem em crescimento.

3. **Compreensão.** Não é compreensão analisadora, julgadora ou paternalista, mas sensível, perceptível, num saber colocar-se na situação do outro.

A tarefa do formador consiste em **ajudar a pessoa a ser.** A pessoa vale por ser única, singular. E é essa singularidade que enriquece a diversidade. Nosso objetivo é a pessoa sendo, evoluindo, fazendo a sua história e a própria História.

A vida humana é essencialmente relacionada a tal ponto que a única resposta satisfatória para ela é o AMOR. O Pe. Luciano Mendes de

Almeida, aprofundando este aspecto da pessoa, desenvolveu o tema da EVOLUÇÃO DA AFETIVIDADE, em suas diversas etapas: infância, adolescência e adultez, com suas características correspondentes.

Na infância, a afetividade é insulada, o mundo é mais restrito, o relacionamento se faz no mundo conhecido que é a família. Esse tipo de afetividade é natural nesta fase. Duas situações experienciais podem reter o amadurecimento da pessoa nesta primeira fase:

1) A carência afetiva.

2) A superproteção.

A recuperação da pessoa entravada nessa fase só poderia ser uma profunda experiência de relacionamento afetivo verdadeiro, o que muitas vezes a própria pessoa não se permite.

Se a primeira fase se desenvolveu satisfatoriamente, a pessoa passa para uma segunda etapa de transição entre a **afetividade insulada** e o **amor universal,** que se caracteriza pela **amizade.**

Diferenças entre uma e outra fase:

1. Na primeira fase, o relacionamento é uma ligação de necessidade, não é uma ligação livre, ao passo que, na segunda fase, há escolha na amizade.

2. Na primeira ligação, há receptividade, na segunda, a oblatividade é elemento essencial.

3. Na infância, não há percepção de diferença, de distância do outro como alguém separado. Na amizade, a alteridade é exigência indispensável. Percebe-se o outro como outra pessoa distinta e descobre-se nisto a riqueza de um relacionamento profundo.

A experiência da amizade é fator de amadurecimento, ela é ponto para a etapa seguinte, portanto, necessária para se chegar a um amor universal de oblatividade, de disponibilidade de serviço. Esse amor universal envolve fundamentalmente a Deus, de onde nos vem a possibilidade de amar gratuitamente a todos os homens.

Somente uma profunda experiência de relacionamento verdadeiro pode fazer-nos chegar a uma fase adulta de maturidade, onde seremos capazes de descobrir o outro como uma humanidade. Descobrir o outro é descobrir esta humanidade, até sua plenitude, num relacionamento íntimo com Deus.

Toda essa realidade humana deve desabrochar, dentro de uma autêntica formação à vida religiosa, para que ela possa realmente produzir frutos em Jesus Cristo, numa doação apostólica. Foi o tema que continuou desenvolvendo o Irmão Teófilo, Marista, mostrando que o projeto fundamental da vida religiosa é atualizar a vida de Jesus Cristo. E este projeto é vivido em comunidade que se chama Igreja.

A integração da vida apostólica na vida das comunidades religiosas apresenta-se muitas vezes como uma questão capaz de gerar inúmeras tensões. Os Documentos latino-americanos sobre a vida religiosa assinalam uma série de críticas no tocante a essa integração. Como

formadores, nossa tarefa será a de capacitar os nossos formandos para que possam responder, **consciente** e **criativamente**, aos desafios que o mundo nos lança, seja no campo técnico e científico, no campo filosófico ou no campo teológico. Ora, a gestação de uma nova maneira de ser leva sempre a inevitáveis contradições e conflitos, que são válidos, na medida em que, na lucidez evangélica, soubermos superá-los, sem fugirmos deles.

O homem novo que surge, assumindo a sua própria consciência histórica, é tão sedento de verdade quanto o de ontem. O homem não é uma realidade estática, redutível a definições e conceitos, mas ele se fixa no "aqui" e no "hoje", de um convite à plenitude, que se desenvolve numa tríplice linha de humanização, personalização e socialização.

Humanizando-se, o homem procura dominar o mundo, assenhoreando-se dele, colocando-o a seu uso, transformando-o e recriando-o.

Personalizando-se, ele busca integrar e desenvolver todas as suas potencialidades humanas, virtualizando-as, alcançando o seu crescimento como pessoa humana.

Socializando-se, reconhece-se como um "nó de relações", somente possível de plenitude, na medida em que se colocar diante do outro de igual para igual, no estabelecimento de profundas relações de solidariedade e fraternidade.

A partir do diagnóstico desta realidade, que é a do nosso mundo hoje, vemos que a formação tende a se definir como a um formar "homens de realidade" e "homens de ação", capazes de se engajarem na construção e recriação da própria realidade.

O processo formativo deixa de ser definido como "período" de formação, para se definir como processo que vai perdurar durante toda a vida do indivíduo. A formação deixa de ser um **fato**, para ser um **processo** contínuo e dinâmico. O formador não é mais aquele que forma, mas aquele que se forma dando condições a que outros cresçam, amadureçam e sejam eles mesmos. Essa ação formativa não é um formar **para,** mas um formar **em.** Não se forma mais **para** a vida religiosa, mas **na** vida religiosa. Não visa a formar **para** o apostolado, mas sim **no** apostolado.

O princípio sobre o qual repousa a nossa consagração religiosa é a vivência da nossa união com Jesus Cristo. Tal projeto de vida traça um rumo inteiramente original para a vida do cristão consagrado, porque seu apelo para participar da intimidade da sua amizade requer uma resposta que compromete e engaja definitivamente.

Formar **na** vida religiosa,
não **para** a vida religiosa.
Formar **no** apostolado,
não **para** o apostolado.

É a partir deste princípio que podemos situar concretamente a ação apostólica no contexto da vida religiosa como globalidade: O seguimento de Cristo, como consequência da nossa união com Ele, nos impele para a humanidade, não a humanidade abstrata, mas representada em cada pessoa que se situa em nosso campo vivencial.

A vida apostólica não deve ser entendida apenas como uma simples ação missionária concreta, mas como vivência do ideal dos doze reunidos em torno de Jesus Cristo. Ser apóstolo é fazer-se semelhante a Cristo, participar de seu zelo apostólico. O caráter missionário da Igreja de Cristo é assumido pelo apóstolo, numa dimensão de anúncio profético e de enviamento aos homens. A verdadeira atitude missionária inclui, portanto:

1) **Autêntico testemunho pessoal**

2) **Profundo respeito pelo homem em situação.**

3) **O anúncio do Reino de Jesus Cristo.**

O tema da vida apostólica, como anúncio de Jesus Cristo, inscreve-se, de maneira fundamental, no **ser religioso.** Ser apóstolo, antes de ser aquele que dá alguma coisa aos outros, é aquele que sabe acolher o outro, numa atitude de pobreza. O religioso, animado pelo zelo apostólico, vai ao encontro de seus irmãos, não para dar-lhes algo, mas para com eles reconhecer o dom que todos receberam, para juntos desenvolvê-lo.

Critérios que devem nortear nossa ação apostólica:

1) Conhecimento da realidade em sua visão global.

2) Inserção no processo de desenvolvimento.

3) Disponibilidade.

4) Planejamento.

5) Subsidiariedade.

Trata-se, pois, de uma formação unificadora, sem dicotomias, que ajude o religioso a encontrar o elemento de unidade vital, na própria caridade apostólica, por meio de um aprofundamento cada vez maior do Mistério de Cristo. A realização de uma formação apostólica, tal como se exige em nossos dias, requer a presença ativa de pessoas aptas à preparação dos religiosos para o exercício do apostolado que lhes cabe na Igreja de hoje.

★

Colocada a temática, os diversos grupos partiam para a interiorização e aprofundamento da mesma, através de calorosos debates. Durante algumas horas da noite, os cursistas tiveram a oportunidade de ouvir o Pe. Irala, que abordou o aspecto da Juventude e a Música Popular, a influência do folclore brasileiro na formação dos jovens. Por coincidência, na mesma semana, houve uma exposição folclórica em Campinas, onde os cursistas tiveram a ocasião de assistir a uma demonstração de Candomblé, que além de manifestar um aspecto de folclore, revelou-se como crença.

Um elemento de muita animação, no decorrer de todo o curso, foi o veículo de polarização dos acontecimentos ocorridos, entitulado "O Macumbeiro", que se encarregava de colher tudo o que se passava de interessante, entre os participantes, criando um clima de verdadeira alegria e humorismo, amenizando assim as duras horas de reflexão e de questionamento que a própria reflexão provocava.

Um excelente "Show" foi o fecho da alegria reinante, quando se apresentou uma tentativa de assimilação das mais diversas expressões de religiosidade brasileira, características de cada Estado do Brasil e até de outros Países.

A avaliação, por parte dos participantes, foi das mais positivas, com relação a todo o desenrolar do curso, explicitadores, coordenação, ambiente, secretaria, etc. O crescimento do grupo foi sensível, progredindo, na medida em que as pessoas iam se conhecendo e se encontrando melhor.

Por solicitação de alguns dos cursistas, a CRB se prontificou de conferir um pequeno certificado a todos os participantes, que será de utilidade na contagem de pontos.

Avaliação, por parte da coordenação:

1. Concordamos, com a grande maioria dos participantes, que tudo foi feito para corresponder com o nível do curso, proporcionando o máximo, em termos de conferencistas, bem como de serviço e ambiente.

2. Notou-se uma grande disponibilidade, muita criatividade, por parte de todos os cursistas, o que muito contribuiu para um crescimento progressivo do grupo,

3. Não se levou suficientemente em consideração a pontualidade, no início dos trabalhos, causando atrasos, por falta de providências a serem tomadas anteriormente.

4. Por se tratar de uma realidade brasileira, deu-se no início, uma tônica acentuadamente paulista, sem levarmos em conta reali-

dades sulinas baianas, matogrossenses, etc. uma vez que havia representantes de diversos Estados.

5. Sentiu-se a necessidade de se fazer uma pausa no meio do curso, para uma oportunidade de interiorização ou descanso, a fim de que um curso de 10 dias não se torne por demais exaustivo.

6. De modo geral, se fôssemos avaliar o curso apenas superficialmente, poderíamos dizer que houve bom aproveitamento, tanto no aspecto de aquisição de conhecimentos, como em vivência comunitária. Nossa preocupação, no entanto, em todas as promoções de vida religiosa, se coloca em termos de mudança de mentalidade. É claro que não temos o direito nem condições de emitirmos um juízo de valor sobre até que ponto esta mudança se efetua. Notam-se, contudo, diferentes níveis de assimilação que, mais ou menos, se repetem:

a) Há os que realmente se preocupam, acima de tudo, com uma conversão pessoal, em sentido global, procurando assumir o processo de renovação, pela raiz.

b) Há os que manifestam profunda angústia, que se traduz muitas vezes em conflito entre a necessidade sentida de ter que mudar muita coisa, e por outro lado, a falta de condições, ou mesmo a resistência que a Congregação oferece para que um renascimento aconteça.

c) Há ainda os que demonstram muita euforia, achando tudo maravilhoso, mas tudo continua na mesma.

d) E há também os que procuram, nos cursos ou encontros, apenas uma aprovação, ou confirmação do sistema existente, para que tudo continue como está.

e) Numa tentativa de se estabelecer um diálogo entre formadores e formandos, sentiu-se que, não obstante a boa vontade dos adultos em compreender os jovens, estes não se sentiram à vontade para expressarem suas posições ou pontos de vista, e quando colocadas, as contestações, ou manifestavam uma dosagem de agressividade, ou então de paternalismo. A falta de confiança mútua foi um aspecto que se salientou no decorrer do diálogo, mesmo que revestido de muita sinceridade e boa vontade.

Nota final. Não nos cabe, de nenhum modo, classificar, nem apurar estatisticamente, quantos e quais se enquadram dentro de cada tipo. Apenas a título de questionamento para nós todos, fica aqui a observação, com base, não apenas em palpites superficiais, mas numa crítica que quer ser construtiva, diante de constatações de fatos concretos.

MARINA BANDEIRA

A MULHER E AS MUDANÇAS SOCIAIS

Estamos habituados a ouvir falar em "promoção da mulher". Um grupo sobre o qual pesa a maior responsabilidade neste sentido são as religiosas. Elas deverão mostrar através de seu pensar e agir, qual o verdadeiro lugar que Deus quis para a mulher, na comunidade humana. Para ajudar-nos a refletir publicamos esta conferência da Senhora Marina Bandeira, pronunciada na Assembléia Nacional Anual, da Conferência das Religiosas dos Estados Unidos, realizada em Seattle, Estado de Washington, de 3 a 9 de setembro deste ano. Participaram mais de 600 religiosas provinciais, superioras e delegadas, representando cerca de 130.000 religiosas norte-americanas.

O tema indicado para o debate desta manhã, conforme previsto no programa deste Encontro, é: **"A Mulher para o Mundo".** E, está implícito, trata-se do papel da mulher neste mundo que se aproxima do ano 2.000. Também está subentendido que a referência é à mulher originária da Civilização Ocidental.

Assim sendo, será válido relembrar alguns dos aspectos da nossa herança Ocidental que afetam mais diretamente o papel da mulher no mundo de hoje.

1. A Emergência da Consciência Histórica

Sabemos que, segundo o pensamento da Grécia Clássica, a história da humanidade se baseava em valores imutáveis e era considerada como sendo essencialmente cíclica: tudo o que viesse a ocorrer no futuro não poderia ser mais do que uma simples variação do que já acontecera no passado.

Ainda segundo essa concepção da história, a organização social vista como ideal teria os filósofos na cúpula, cuidaria de assegurar a existência de guardas destinados a manter o **status quo** e, em seguida, estariam os trabalhadores braçais considerados como desprezíveis seres inferiores. E todo este quadro era regulado pelas chamadas "leis naturais".

Essa visão da velha Grécia alcançou um alto grau de sofisticação durante a Idade Média e chegou mesmo a uma divisão entre o "Mundo de Deus" e o "Mundo dos Homens". Nesse inferiorizado mundo dos homens, as hierarquias sociais persistiam: havia o nível dos homens livres, e o nível dos escravos; o nível das raças superiores, e o das raças inferiores; havia ainda o sexo superior, e o sexo inferior.

Acontece que os progressos da ciência, especialmente após a contribuição dos judeus e dos árabes através da Península Ibérica, ajudaram a abrir a mente européia para uma visão mais ampla do mundo e do universo, dando-lhes a oportunidade de conhecer outras culturas, e níveis diversificados de acumulação de cultura.

Foi nessa época que alguns pensadores começaram a descobrir novas dimensões para os conceitos de "tempo e espaço", evoluindo em direção a uma confiança maior no potencial humano.

Desgraçadamente, as novas riquezas trazidas para o mercado europeu através da rapina, da pilhagem, da expoliação sistemática e do massacre de populações inteiras, financiaram, na Europa, um progresso técnico sem precedentes. Então, após a Revolução Comercial, a Revolução Industrial veio fortalecer o conceito segundo o qual as minorias teriam o direito de expoliar a maioria. E o "direito divino dos reis" foi substituído pelo "direito absoluto dos ricos".

Era bem sutil a justificação para esses novos métodos de exploração sistemática do homem pelo homem. As racionalizações se baseavam em novo tipo de determinismo: os privilégios passavam a ser acobertados pela "lei natural da oferta e da procura" segundo a qual os mercados se autoregulariam automaticamente e, afirmava-se categoricamente, essas "leis" levariam fatalmente ao equilíbrio geral e à distribuição por igual da riqueza entre todos.

Esse novo tipo de determinismo, o liberalismo econômico, encontrou forte apoio na velha filosofia com seus preconceitos contra o trabalhador braçal e na admissão de que uma minoria nascera para dirigir e viver segundo seus caprichos. Quanto à maioria, "não lhes cabe pensar porque; a eles: obedecer e morrer", (1) como disse o poeta referindo-se aos soldados, mas no mesmo caso estavam os trabalhadores, as raças não-européias e as mulheres em geral.

O resultado desse tipo de concepção da organização social está aí, à vista, para quem o quiser ver. Seria supérfluo lançar aqui toda a série de estatísticas que afirmam essa realidade. A miséria

e a fome são as companheiras de dois terços da humanidade. Mas aqueles que desejarem escutar, ouvirão o crescente clamor dos espoliados, enquanto o rádio transístor se encarrega de ajudar a mostrar a homens e mulheres nas mais remotas regiões do mundo o espetáculo de um sistema social abusivo no qual os ricos têm toda a proteção para sorver até a última gota o sangue de populações indefesas e prostradas por mecanismos de opressão legal, econômica e armada.

Convenhamos que é fácil compreender a ganância da alta finança que não se envergonha de se rebaixar a ponto de se constituir em promotora de guerras. Mais difícil é ver esses métodos justificados em termos de "cristianismo", e todo o sistema apelidado de "civilização ocidental e cristã".

Ao olharmos os subprodutos negativos daquele conceito dito "ideal" da história dos homens, sentimo-nos, ao mesmo tempo, encorajados pelo fato de que, simultaneamente, somos testemunhas do surgimento de um número crescente de homens e mulheres que se negam ao papel de simples observadores passivos desse desastre. Repelem a descrição idealizada e falsa do passado e se esforçam para descobrir nesse passado as chaves que permitam compreender melhor as lições que poderão trazer alguma luz para o entendimento do presente, levando em conta as possíveis conseqüências para o futuro.

A tarefa desses homens e mulheres é facilitada pela existência de estatísticas ilustrativas dos desníveis entre as várias camadas sociais, estatísticas que a cada dia se tornam mais acessíveis ao grande público, auxiliadas pelo impacto visual da televisão descrevendo as aterradoras conseqüências da má distribuição de recursos e de renda, tanto em nível nacional quanto internacional.

Outro aspecto importante, e positivo, são os estudos no terreno da antropologia e que encontram crescente dificuldade nas tentativas para justificar as alegadas superioridades raciais.

O conjunto dos progressos das ciências, seja no terreno da biologia, da cosmogonia, da física, das ciências sociais, bem como da história, da arqueologia, sem esquecer a psicologia, demonstram, como diz Julian Huxley, que "o presente é o primeiro período no qual fomos capazes de perceber que o universo é um processo no tempo, e começamos a vislumbrar a nossa verdadeira relação com esse processo. Começamos a nos ver como história, e a descobrir a verdadeira relação entre essa história e a história do universo como um todo" (2).

Situados nesta perspectiva, começamos a perceber que os seres humanos são datados, que o nosso "próximo" vive neste exato momento e carrega em si as angústias e as aspirações deste preciso momento da história. Passamos a ver "o próximo" situado em uma determinada área geográfica, sujeito

às conseqüências de seu condicionamento cultural e econômico.

Esta dimensão histórica, assumida pela moral que se alarga a ponto de chegar ao mais alto sentido de todas as implicações da responsabilidade coletiva, do assumir de todos a cada um, para a humanização do mundo, emerge, então, como a consciência histórica, que pode ser expressa através de uma única palavra: conscientização.

2. A Pessoa Humana, acima de Discriminações Sexuais

Esse ser humano, historicamente datado, que se vê como sujeito da história, capaz de construir o presente e delinear o futuro, um co-criador, tem uma percepção bem mais aguda de sua condição de pessoa humana em cujo coração se encontra a marca de Deus: a consciência.

Sabemos que a consciência é a capacidade que tem o ser humano de se conhecer, de se distinguir de outras consciências, e de compreender o mundo. É a consciência que permite ao ser humano pensar em termos abstratos, tornando-o capaz de refletir, de agir segundo essa reflexão, e chegar à escolha entre o bem e o mal.

Mas, afinal, o que é o bem? O que é o mal?

Segundo o pensamento antigo, o bem era compreendido como a obediência às regras estabelecidas. Regras baseadas em um conceito individualista que girava em torno das relações individuais de cada homem com seu Deus. Regras estabelecidas numa época na qual os desafios da natureza eram mais misteriosos e ameaçadores do que são hoje. Época na qual o homem se via como joguete se debatendo para sobreviver a mercê dos elementos da natureza e de forças invisíveis e controlavam cada um de seus passos.

Hoje, o homem já compreendeu que pode controlar as fôrças da natureza. Hoje o homem se conhece melhor e percebe mais claramente o seu potencial e as suas limitações. E esse homem pode aspirar a uma organização social na qual os anseios de justiça sejam atendidos.

Esse homem, ao se acercar da compreensão dos mecanismos da natureza consegue, também, conhecer melhor o próprio homem. Os grandes avanços no terreno da biologia e da medicina demonstram não somente a importância dos hormônios para o equilíbrio da personalidade como também a influência da alimentação e de condições de vida adequada sobre o trabalho do cérebro e a coordenação motora.

Várias experiências educacionais vem demonstrando a influência do meio sobre o desenvolvimento da inteligência, e a distinção que existe entre a simples transmissão de conhecimentos e uma educação da pessoa humana para uma participação consciente no contexto social, superando assim os preconceitos e as perspectivas individualistas segundo as quais o êxito teria que ser obtido através da competição, a custa da destruição do outro.

Essas novas experiências educacionais estão indicando a crescente preocupação com a busca de perspectivas que levem à cooperação, a uma maior comunhão, ou seja, a uma visão comunitária, em contraposição à imposição de uma concepção de auto-realização individualista em termos meramente competitivos.

Os estudos de várias culturas também permitem verificar a variedade dos papéis representados por raças e culturas diferentes em épocas diversas. Assim, os anglo-saxões já foram escravos dos romanos que por sua vez foram subjugados pelas hordas chamadas bárbaras. E não nos esqueçamos que o sistema de armazenagem dos incas, capaz de assegurar a provisão de alimentos, de vestuário e de diversos outros utensílios a toda a população, tudo destruído pelos conquistadores espanhóis, constitui um feito jamais igualado por qualquer das raças, ditas "superiores" da Europa

Lamentavelmente, apesar de todos os dados que permitem uma nova compreensão da vida dos homens, de toda a nova visão trazida pelo progresso tecnológico que podemos constatar no mundo ocidental, prevalecem ainda muitos preconceitos que demonstram a necessidade de superar aspectos da velha mentalidade primária e neste caso situa-se tipicamente, o papel atribuído às mulheres na organização social no mundo de hoje.

É compreensível que, no passado, naquele mundo ainda bastante mágico, as pessoas temessem tudo o que não pudessem compreender. E é bem possível que a capacidade que têm as mulheres de gerar a vida, seu contato mais íntimo com a vida nova, se constituísse num mistério ao mesmo tempo fascinante e perturbador. E aqueles homens inseguros, inseridos em organizações sociais de dominação multiforme, sentissem a necessidade de se afirmar, de demonstrar que não tinham medo, através do simples recurso ao expediente de esmagar esse ser ao mesmo tempo tão próximo e tão enigmático. E, a propósito, não nos esqueçamos que ainda durante a Idade Média calcula-se em um milhão o número de mulheres executadas na Europa como resultado da caça às feiticeiras.

★

Admitindo-se que as mulheres representassem uma tentação capaz de ameaçar os mitos de perfeição originários dos velhos sonhos da filosofia clássica, a solução lógica para o problema deveria ter sido um esforço por parte do chamado sexo forte para controlar suas tentações e assim permanecerem fiéis a seus ideais de perfeição. Mas, bem ao contrário, foi às mulheres que coube a penalidade. Às mulheres coube serem dominadas, transformadas em seres ignorantes, embrutecidos, passivos e dependentes.

Às mulheres, as funções reprodutoras e domésticas enquanto eram definidas filosófica e teologicamente como impuras e **essencialmente deficientes.**

Dados esses antecedentes foi possível ao egoísmo europeu no

apogeu do capitalismo chegar ao requinte da insensibilidade que se expressava através da fúria desenfreada, no requinte da devastação de populações inteiras espalhadas pelo mundo e, ao mesmo tempo, o esmagamento da própria mulher européia. Pode-se mesmo dizer que o treinamento para a opressão de outros povos, o treino para a dominação impiedosa e irracional através do mundo, começava no próprio lar através da sujeição de suas próprias mulheres.

Nas fábricas, os salários pagos às mulheres conseguiam ser piores que os dos operários. Nas classes altas era permitido às mocinhas um certo verniz de conhecimentos adequados às boas maneiras que as qualificavam para um casamento burguês no qual delas se esperava que permanecessem puras e dóceis, enquanto aos maridos era permitida toda e qualquer idiossincracia patológica.

O resultado da atuação dessas mulheres tornadas ignorantes e embrutecidas pode ser visto através do tipo de educação que deram a seus filhos e filhas, já que o papel de educadoras, lhes era dado sem avaliar o profundo paradoxo: a ignorantes e segregadas, a tarefa de educar as futuras gerações. Ora, essas mulheres não poderiam fazer mais do que transmitir aos filhos e filhas a mesma amoralidade, a mesma ignorância e o mesmo egoísmo.

Acontece que a depreciação da mulher pela sociedade burguesa encobria umas tantas ciladas. Os chefes de família tinham que se esforçar para manter seus cortejos de dependentes. O esforço físico e mental exigido dos homens para que correspondessem àquele padrão de comportamento pode ser comprovado através das estatísticas que indicam as altas percentagens de mortes prematuras. Sem esquecer que os chefes de família eram, e ainda são, desumanizados pela falta de repouso, pela falta de higiene mental e pela ausência de possibilidade de prosseguir em seus estudos que se tornam cada vez mais necessários em uma sociedade que exige atualizações crescentes e renovadas.

Outra cilada escondida no sistema foram os avanços tecnológicos nas sociedades de consumo "superindustrializadas", que proporcionaram a eliminação de grande parte do esforço físico, diminuindo assim a distância entre a resistência física masculina e a das mulheres criadas para serem frágeis e doentias.

Como se tudo isto não fosse suficiente para desmoralizar a discriminação sexual, a psicologia e a psiquiatria estão abrindo novas perspectivas que explicam as origens doentias de personalidades agressivas e dominadoras que antes eram respeitadas como expressão de nobres traços de masculinidade e poder. E assim vão ruindo mais alguns dos velhos mitos que pretendiam definir com grande precisão as atribuições que caberiam à masculinidade e à feminilidade.

Após havermos rememorado alguns aspectos dessa verdadeira corrida de obstáculos que é a aventura do gênero humano, reconheçamos que, de fato, só há pou-

co começamos a admitir que todos os seres humanos têm uma consciência, cada um é único e essencialmente uma pessoa humana, seja mulher ou homem, preto ou branco, rico ou pobre. E essa descoberta, recente, nos traz novas luzes para compreender melhor os tão falados valores humanos.

Nos dias de hoje a obediência cega baseada no temor, começa a perder terreno e a abrir caminho para o realce da **verdade** entendida como um valor humano. A verdade começa a se despojar das velhas roupagens do passado ainda mágico e das ambiguidades da dupla moral burguesa. A verdade, seja científica, intelectual ou política, começa a surgir e a ser proclamada mesmo à custa da repressão por parte dos poderes institucionalizados.

E **a vida humana,** após tantos estudos biológicos, psicológicos, pedagógicos, culturais, permite que seja visto com maior rigor a maravilha do trabalho de Deus quando criou esse co-criador. Conseqüentemente, vê-se com maior claridade o absurdo das guerras, da pena de morte, das injustiças que levam à miséria física, intelectual e moral da maioria da humanidade.

O novo respeito à vida humana traz à luz do dia as raízes doentias daqueles que se arvoram em "justiceiros", sejam indivíduos, grupos de indivíduos ou países, que se arrogam o direito de impor "justiça" à custa da destruição mental, moral ou física de tantas pessoas, recorrendo à velha desculpa: os canhões impedirão a guerra. Alegação ultrapassada que até Adolf Hitler utilizou.

A valorização da vida humana nos traz muito mais perto da compreensão da palavra de Cristo: "não julgueis". E quase se poderia acrescentar: mas tratai-os. Pois necessitam de tratamento esses doentes por excesso ou por falta de bens materiais, por egoísmo ou desespero, por deficiências morais ou físicas, mas não "essenciais" e inerentes à natureza humana.

E começa-se a compreender melhor que, para se chegar a um verdadeiro **amor ao próximo** é necessário criar condições para o desabrochar da consciência humana através da responsabilidade. Sabemos que a responsabilidade não se obtém através da leitura de belos livros ou escutando discursos inteligentes. A responsabilidade consciente, capaz de participar inteligentemente na humanização do mundo, se obtém vivendo-a. Nós mudamos quando participamos de um ato que implica em mudança, por menor que seja. É pela participação em atos, mesmo pequenos, que nos capacitamos para ir assumindo responsabilidades maiores. É a experiência vivida que faz crescer a pessoa humana e que lavará ao crescimento do ser humano entendido como pessoa, acima de qualquer discriminação sexual.

3. Alternativas para a Mulher no Mundo de hoje

E só então, só após se chegar à clareza do significado da pessoa humana, acima de qualquer diferença de sexo, pode-se começar a pensar no papel da mulher no mun-

do de hoje.

Uma pergunta a levantar, neste sentido, seria tentar definir qual a "parte própria das mulheres" no contexto social. Como tentar definir o papel adequado da mulher numa época na qual 2 mulheres obtiveram os primeiros lugares, em 1972, na Escola Politécnica da França? Quando 72% dos médicos da União Soviética são mulheres? Quando três mulheres são Primeiros-Ministros?

Dever-se-ia buscar a "parte própria das mulheres" na dupla moral burguesa? Ou no Direito Canônico que tanto influiu sobre o mundo ocidental, o qual reconhece nas viúvas a capacidade para gerir seus bens e dirigir sua vida, mas declara as mulheres incapazes e devendo, portanto, pensar pela cabeça de seus maridos — se forem casadas?

Deveríamos procurar, então, uma definição do "eterno feminino" nos meios operários, em regiões de miséria onde impera o matriarcado já que é de ver o número de homens que se tornam incapazes de prover às necessidades de seus dependentes deixando à mulher os papéis de mãe e de pai?

Tudo o que foi possível observar até agora é que esta definição deixou de ser fácil. Constata-se que existe uma evolução em direção a uma época na qual homens e mulheres começam a compreender que ambos têm um cérebro e uma consciência. Que os dois sexos são complementares. Que ambos são responsáveis por seus atos.

O fundamental é ter em mente que, para superar a discriminação baseada em diferença de sexo, a solução não será encontrada através do emocionalismo fanático como é o caso típico da expressão "guerra dos sexos", tão difundida nos países anglo-saxônicos, expressão que denota a atitude irracional que vê na "guerra" a única e exclusiva maneira de resolver os desacordos que surgem entre os seres humanos.

Os homens e as mulheres não precisam se confrontar nos papéis fictícios do macho super-forte e agressivo — papel que pode ser extenuante e traiçoeiro... Nem as mulheres no papel de sub-fêmeas, astutas e manhosas, fingindo-se de seres indefesos a ponto de repugnarem a elas próprias.

Se quisermos abrir caminho para a ampliação da consciência histórica que levará à libertação, teremos que admitir, inicialmente, que as mulheres, em geral, ainda constituem um dos mais poderosos fatores de perpetuação da dominação do mundo, em resultado de um condicionamento cultural que as levou a aceitar e a interiorizar a idéia de que são inferiores.

Portanto, toda e qualquer mulher que aceitar os papéis de homem-o-senhor e mulher-a-serva, estará fortalecendo a tessitura, a própria trama da teia da opressão. Estará contribuindo para perpetuar um sistema no qual alguns são aceitos como senhores enquanto outros aceitam serem dominados. Estará admitindo implicitamente a existência da faixa dos que devem ser encarados como meros instrumentos que bem merecem ser manipulados

por outros, como gente que não pode e não deve ser responsabilizada por seus atos. Quem aceitar esse papel estará atrasando o processo da dura caminhada da humanidade em direção a um mundo libertado da opressão.

É necessário deixar este ponto bem claro. A solução do problema da discriminação sexual não será encontrada na tentativa de substituir os homens pelas mulheres que, então, passariam a ser "senhores".

O problema crucial é a exigência de aniquilamento de todo um sistema de opressão, baseado na discriminação e que se manifesta nos mais variados e inesperados aspectos, sejam étnicos, econômicos ou sexuais.

O que está em jogo é todo um sistema de exploração através da discriminação, para a dominação. O que se exige é um passo a frente por parte dos seres humanos em geral.

Assim, a mulher que participar de movimentos de promoção feminina em países desenvolvidos ignorando que seu alto padrão de vida provém da exploração de mão-de-obra barata — feminina ou masculina — estará escamoteando a essência do problema.

Essa mulher poderá estar lutando por vantagens imediatas e superficiais para ela própria e para outras mulheres de seu alto padrão econômico. Mas, a partir da perspectiva de países subdesenvolvidos, não será fácil aceitar que essa mulher estará lutando pela libertação "das mulheres" em geral. Tal como no caso do racismo, é óbvio que a discriminação sexual tem suas implicações econômicas — não só em nível nacional como também internacional.

Por outro lado, vê-se, também, mulheres corajosas que optam pela participação em movimentos guerrilheiros em países subdesenvolvidos e chegam a superar muitos homens em destreza guerreira e como excelentes atiradoras. No entanto, mesmo abstraindo-se de quaisquer considerações quanto à amoralidade das guerras em si mesmas e limitando-se a um ponto de vista puramente estratégico, é muito pouco provável que a violência armada seja a solução contra a violência instalada — tanto cultural quanto econômica.

Neste sentido é necessário recordar que estudos econômicos demonstram que os países periféricos aos Centros Mundiais Econômicos — sejam capitalistas ou marxistas-leninistas — se caracterizam por sua dependência política, econômica e cultural, e pela existência do colonialismo interno, isto é, a existência de minorias nacionais que atuam como intermediárias nas transações com os poderes externos, em detrimento dos interesses das populações de seus próprios países.

Considerando-se esse quadro de opressão é compreensível que homens e mulheres escolham a violência armada como gesto de desespero em resposta à violência instalada. Ao assim fazerem, no entanto, regridem ao velho princípio da chamada "guerra-justa" que aceita a punição e a expiação pela fome, o fogo e o sangue, através dos quais a sociedade surgiria, en-

tão, purificada de seus crimes. Essa visão traz em si outros traços da antiga visão que admitia as ocorrências cíclicas na história e, em última análise, o direito de uma minoria conduzir compulsivamente a maioria, movida pelas forças invisíveis do destino que as levaria ao porto seguro onde encontraram o bem.

Neste terreno, ao menos na América Latina, algumas lições estão sendo aprendidas a duras penas. Alguns exemplo:

— A total ignorância da camponesa típica latino-americana, tradicionalmente submetida ao "machismo". Seu estado de submissão através de gerações a incapacita, hoje, neste momento, para compreender a razão dos tumultos. Essa dificuldade se torna ainda mais grave quando os problemas lhe são apresentados em termos abstratos tais como "dominação", "libertação", "humanidade", "mundo". E a tendência pode se acentuar no sentido de um maior retraimento dentro de seu mundo mágico, mergulhando ainda mais profundamente em seu fatalismo.

— Outra dificuldade de ordem prática, no que se refere a movimentos guerrilheiros na América Latina, diz respeito à total impossibilidade de obtenção de poder de fogo igual, ou superior, ao dos Centros Econômicos Mundiais.

— Saliente-se, também, a sangria de recursos locais para o financiamento dos Centros Econômicos Mundiais através da compra de armamentos. Neste sentido, é necessário não esquecer que a incrível e sobre-humana resistência do povo vietnamita não anula o fato da presença de grandes potências naquele país, fornecendo armamentos e obtendo lucros.

— Considere-se ainda que a experiência tem demonstrado que populações oprimidas — física e intelectualmente — não podem, ao chegar ao poder, se transformar, da noite para o dia, em administradores competentes e responsáveis, capazes de prover às necessidades de todos. A responsabilidade e a competência — que se distinguem do mero conhecimento acadêmico — não podem ser obtidos por meio de Decreto-Lei. Nem seria justo que populações famintas contribuíssem para a derrubada das atuais elites opressoras simplesmente para caírem nas garras de outra minoria que as oprimisse através de **slogans** e lavagens-de-cérebro. Não existe o atalho que conduza, de uma hora para a outra, à libertação. Ou cada um assume sua parte, conscientemente, no esforço geral, ou veremos uma simples troca de nome na procuração que entrega a outrem o direito de pensar.

— Além disto tudo, os movimentos de libertação nos países subdesenvolvidos já perderam o direito de desconhecer a existência de camadas oprimidas dentro dos próprios Centros de Poder e que começam a tomar consciência de seu estado de opressão e a cada dia se tornam mais capazes de compreender o sentido dos esforços de libertação dos outros países.

Em outras palavras, começa-se a ver com maior clareza que existe um "Terceiro Mundo" dentro do

"Primeiro Mundo". Acentua-se a percepção de que os oprimidos de todo o mundo podem juntar forças para o objetivo comum: o aniquilamento da própria trama, da tessitura da opressão, para que se possa caminhar em direção a um mundo humanizado.

E as mulheres, com sua tradição histórica de serem tachadas de seres inferiores, deveriam ser capazes de chegar ao desenvolvimento da sensibilidade contra qualquer forma de opressão, manifestando-a concretamente.

Neste sentido, na vida de cada dia, já se pode ver em vários países um novo tipo de convivência conjugal, especialmente nas novas gerações, que vem superando o velho relacionamento no qual o marido é o senhor e a mulher a sua serva dependente e sem cabeça. Ambos, no casal, estão aprendendo a exercitar sua capacidade de decidir juntos. E é provável que as crianças que crescerem nesse novo clima rejeitarão a imagem de um mundo no qual alguns indivíduos dominam e outros nascem para serem dominados.

A educação de meninos e meninas na escola, dá a ambos a possibilidade de pensar juntos, de desenvolverem seus talentos em uma atmosfera na qual o gênero está representado de forma mais proporcional.

Como resultado dessa co-educação, é maior o número de mulheres que chega ao nível universitário, apesar das percentagens, neste sentido, nos países capitalistas serem ainda bastante baixas se comparadas com as realizações, nesta área, dos países socialistas.

Acrescente-se a esses aspectos um fato de extraordinária importância: o surgimento de pequenos grupos de pessoas, e até mesmo verdadeiras comunidades, que se constituem através do exercício consciente da responsabilidade bem informada e que se esforçam para tomar conhecimento, e viver, esses conhecimentos que resultam de pesquisas e outras experiências relacionadas com o estudo para o melhor conhecimento do potencial humano e sua capacidade de desenvolver a cooperação, em contraposição à conhecida e maléfica competição e conseqüente dominação.

Essas pesquisas e experiências de convivência humana a partir do conceito de pessoa humana, iluminam com clareza bem maior algumas das raízes patológicas que se manifestam através de tendências ou condicionamentos que levam ao crime, ao comportamento desajustado dentro da sociedade humana.

Dentro desta ordem de idéias, vários estudos demonstram que o próprio mecanismo de aplicação da "justiça" e do "direito", tal como os conhecemos hoje, contribuem para alimentar ou mesmo gerar as referidas características patológicas, como é o caso das chamadas punições aberrantes e sádicas nas próprias prisões, ou até mesmo como resultado do isolamento ao qual são sujeitas as pessoas condenadas como "culpadas" dentro da própria sociedade.

E esses pequenos grupos, preocupados em desenvolver o poten-

cial da pessoa humana, constituídos por pessoas bem informadas, com uma consciência histórica desenvolvida e ampliada pela dimensão da moral que abrange a responsabilidade coletiva, começam a agir.

Esses grupos, essas comunidades com uma visão humanista e situada acima dos velhos egoísmos individuais, mesmo se aparentemente modestos e destituídos de qualquer poder, estão jogando novos valores dentro do sistema instalado, através da elaboração vivenciada de um novo tipo de relacionamento. A introdução desses novos valores, vividos por um número crescente, poderá um dia, e a proximidade ou distância desse dia depende de cada um de nós, chegar ao aniquilamento do próprio sistema imperante de apressão.

Assim, apesar da fome que reina nos países pobres e das conseqüências do desenvolvimento tecnológico nos países ricos tal como descritos em **Future Shock**, há lugar para esperança (3).

E aquelas mulheres que desejarem participar da libertação da humanidade não precisam ir para outros países em busca de gestos heróicos a ponto de chegarem às manchetes dos jornais.

O que é realmente necessário é ter presente, em primeiro lugar, que uma mulher quando luta por sua libertação, luta pela libertação de todos, homens e mulheres, estejam onde estiverem.

Acima de tudo é indispensável deixar bem claro que a luta é para obter, seja em que terreno for, o respeito pela eminente dignidade de todo e qualquer ser humano.

Qual o primeiro passo a ser tomado? É simples. Recusar-se a oprimir seja lá quem for. Simplesmente se recusar a aceitar qualquer tipo de relação de dependência e recusar-se obedecer cegamente a quem quer que seja, por motivo de raça, credo ou sexo.

Cada mulher, esteja onde estiver, que assumir sua dignidade de pessoa humana, estará lutando lado a lado com os "campesinos" da América Latina e com qualquer dos povos esmagados da África e da Ásia.

Sabemos que a Terra é um planeta que se torna menor cada dia. Onde quer que se encontre um ser humano, ela ou ele, pode escolher sua posição. Seja ao lado dos que se dedicam ao refinamento dos mecanismos de opressão, seja ao lado dos que se propõem a contribuir para a concretização do salto qualitativo que representará uma ascenção em direção a um mundo humanizado e construído sobre o respeito a cada uma das pessoas humanas.

Cristo nos fez uma promessa que é aparentemente um paradoxo. Será que já estamos mais próximos da compreensão do enigma? Ele nos disse: "Bem-aventurados os mansos, eles possuirão a terra."

Notas

1. Their's not to reason why / Their's but to do and die. **Alfred, Lord Tennyson: The Charge of the Light Brigade.**
2. Julian Huxley, **Evolution in Action,** pág. 11, Peguin Books, Londres.
3. Alvin Toffler, **Future Shock.**

CAMPOS DA PSICOLOGIA APLICADA, Anne Anastasi. Co-edição Editora Herder e Editora da Universidade de São Paulo. Ano 1972. Páginas 980. Tradução do original norte-americano **Fields of Applied Psychology**, por Rodolfo Azzi.

O livro

O objetivo primordial do livro é o de reunir o que a pessoa instruída necessita saber acerca das atividades profissionais dos psicólogos: no comércio, na indústria, na pubiicidade, no **marketing**, na educação, na prática clínica, no direito, no governo, nos serviços militares. O livro não pretende dar conselhos sobre como tratar neuroses, criar filhos, lidar com empregados ou viver a própria vida.

Busca apenas apresentar uma visão compreensiva do trabalho dos psicólogos práticos, ou seja, de todos os psicólogos, afora aqueles empenhados primordialmente no ensino ou na pesquisa básica, dentro do âmbito acadêmico. Embora destinado principalmente aos estudantes universitários de psicologia, o livro é apropriado também para iniciar estudantes de outros cursos, bem como aqueles de escolas de comércio e, possivelmente, de direito e de medicina.

Será, outrossim, de especial interesse para encarregados de escolas de comércio em geral, que desejam uma visão panorâmica do que a psicologia tem a oferecer em contextos práticos.

Através do livro, a atenção será concentrada nas metodologias especializadas de pesquisa, que representem a contribuição peculiar do psicólogo em cada campo. Para este fim, cada área de tatividade profissional será ilustrada com um ou mais grandes projetos de

pesquisa, que fornecem a fundamentação científica para as ampliações profissionais particulares. O que o estudante pode, com maior proveito, aprender da ciência, é o método, e isto é especialmente verdadeiro numa ciência jovem e em rápido desenvolvimento, como a psicologia.

Concentrando sobre o método, o livro dá ao leitor, além disso, a necessária perícia para avaliação crítica das descobertas da psicologia, de conclusões e práticas encontradiças na vida cotidiana. Especial esforço será feito no sentido de alertar o leitor a respeito dos tipos de subterfúgios metodológicos, de falácias e interpretações errôneas que ocorrem nos escritos de divulgação sobre psicologia aplicada e nas afirmações de charlatões e de práticos inadequadamente treinados.

Outro importante objetivo do livro é o de apresentar um quadro amplo e integrado da psicologia aplicada. A combinação, dentro de um único livro, de campos tão diferenciados como os da clínica, da engenharia e da psicologia do consumidor, torna possível a percepção de relações entre as descobertas de cada campo, que não tinham sido antes notadas. Compreensões novas freqüentemente emergem da justaposição de problemas similares, estudados em contextos diferentes por pesquisadores com pontos-de-vista diversos.

Por esta razão, as referências remissivas foram usadas literalmente através do livro e todo esforço foi feito para destacar conexões e unificar as várias áreas.

Ainda outro objetivo: dar ao leitor um sentido de continuidade histórica do campo em foco. Se bem que a psicologia aplicada tenha registrado um desenvolvimento explosivo depois da Segunda Guerra Mundial, não se originou nesta época. Daí o deliberado esforço para incluir importantes experimentos anteriores, e citar os antecedentes de certos desenvolvimentos caracteristicamente modernos, tais como as máquinas de aprender, a inclusão dos fatores humanos no desenho dos equipamentos ou a abordagem psico-somática dos distúrbios físicos.

Cumpre também mencionar o modo pelo qual as referências são utilizadas. Através do livro, as referências são apresentadas não somente para identificar fontes de dados e idéias, mas igualmente para sugerir leituras posteriores a todo aquele interessado em pesquisar mais profundamente algum assunto. As bibliografias extensas no fim de cada capítulo, foram selecionadas, em parte, com este objetivo. No texto propriamente dito, as referências são citadas apenas pelo número, a fim de não atravancar a página com nomes e datas de pequeno interesse intrínseco para o estudante universitário.

O presente volume encerra material didático recomendável para cursos básicos de Psicologia, principalmente para aqueles onde a Psicologia aplicada poderá prestar valioso auxílio como disciplina complementar, tal como ocorre nos cursos de Educação, Orientação, Administração, Economia, Engenharia, Propaganda e tantos outros.

A autora

Anne Anastasi é uma renomada professora da Fordham University e autora de várias obras no ramo da Psicologia Diferencial e de Testes e Medidas em Psicologia.

O índice

PRIMEIRA PARTE: INTRODUÇÃO
Que é Psicologia Aplicada? 26 páginas.

SEGUNDA PARTE: PSICOLOGIA DE PESSOAL
Desenvolvimento de um programa de seleção de pessoal, 33 páginas.
Testes psicológicos na seleção de pessoal, 55 páginas.
Avaliação pessoal e dados biográficos na seleção de pessoal, 42 páginas.
Aperfeiçoamento e treinamento de pessoal, 41 páginas.
A motivação e o moral, 41 páginas.

TERCEIRA PARTE: PSICOLOGIA DA ENGENHARIA
Métodos de trabalho, 45 páginas.
O ambiente de trabalho, 39 páginas.
Planificação de equipamento, 57 páginas.

QUARTA PARTE: PSICOLOGIA DO CONSUMIDOR
Campo de ação e métodos da Psicologia do consumidor, 61 páginas.
Fatores emocionais e motivacionais no comportamento de compra, 46 páginas.
Fatores perceptivos e cognitivos na publicidade, 40 páginas.

QUINTA PARTE: PSICOLOGIA CLÍNICA
Diagnóstico, 42 páginas.
Terapia, 54 páginas.
Pesquisa clínica, 40 páginas.
O trabalho do psicólogo orientador, 43 páginas.
A psicologia da escolha vocacional, 42 páginas.

SÉTIMA PARTE: PSICOLOGIA E OUTRAS PROFISSÕES
Psicologia e Educação, 46 páginas.
Psicologia e Medicina, 39 páginas.
Psicologia e Direito, 56 páginas.
Apêndices, 16 páginas.

A FILOSOFIA DO CORPO, Claude Bruaire. Co-edição Editora Herder e Editora da Universidade de São Paulo. Ano 972. Páginas 255. Tradução do original francês **Philosophie du Corps.**

— É possível uma filosofia do corpo?

Os filósofos não terão mais facilidade que os cientistas para admiti-la. Uns e outros geralmente subscrevem a mesma opinião: assim como uma cosmologia filosófica depende da história d

pensamento pré-científico que, numa mistura arcalca das disciplinas, elaborava uma ciência qualitativa e tentava submeter a filosofia à experimentação metódica, da mesma forma uma filosofia do corpo ignoraria a biologia positiva como o discurso especulativo.

Enquanto uma se reserva o conhecimento do ser natural, das leis verificáveis que presidem a seus elementos, a outra se movimenta na esfera autônoma dos conceitos, cujas determinações não são as das coisas.

Não se pode impedir o cientista de interrogar-se sobre o estatuto da vida, contanto que ele só se entregue a esta reflexão vaga e geral, fora de seu laboratório. É necessário, no entanto, que o filósofo introduza em seu discurso algo extraído da experiência, desde que o sentido do vivido possa ser refletido e transcrito na idéia universal. A vida individual do corpo humano não pode penetrar o conceito nem ser uma referência. Este é, tipicamente, um falso problema filosófico, pois o esforço inicial do filósofo consiste em despojar-se de sua individualidade.

Contudo, pode ser que a recusa comum do corpo, como tema filosófico essencial e não apenas como consideração histórica e marginal, seja conseqüência de certa filosofia do corpo. Pode mesmo acontecer que o conjunto dos problemas filosóficos e seus conceitos principais e fundamentais só possam ser separados da questão do corpo em virtude das respostas precisas a esta questão.

Respostas freqüentemente dissimuladas ou formuladas de modo alusivo, que estão presentes no discurso e são eficazes por suas conseqüências determinadas. Respostas que resistem à interrogação, que dificilmente se deixam colocar em questão, pois estão estreitamente ligadas a concepções de princípios que elas suscitam e que as fundamentam logicamente, muito embora sua inspeção crítica pusesse tudo em questão.

Se, particularmente, é verdade que o pensamento filosófico é incomensurável com o mundo da experiência sensível, que a reflexão conceitual só se refere a si mesma, isto não quer dizer que esta autonomia signifique indiferença insuperável em relação à vida e à existência. Este divórcio só é afirmação se a reflexão do filósofo repudiar suas próprias condições de origem e de animação, e recusar a relação do sensível com o inteligível, do corpo com a linguagem.

Só se esvai a liberdade do filósofo quando se esvai o discurso na trama estéril de uma reflexão vazia, para reduzir-se à imóvel representação de si mesma. Mas esta redução, que arruína a possibilidade de uma investigação da verdade, estanca-lhe a exigência, imita a concepção de uma liberdade absoluta e fechada sobre si mesma em sua eterna indiferença, absolutamente incapaz de ser sua própria palavra.

Por isso, a ordem do corpo não é apenas uma questão prévia. O sentido ou não-sentido do corpo humano, sua relação com o sujeito e com sua liberdade, ou com sua mitologia, com a racionalidade discursiva e com a contingência lingüística; seu modo de necessidade em vista de nossa essência; sua unidade e suas dimensões irredutíveis; todas estas questões são constitutivas do pensamento filosófico. Abalam as concepções filosóficas por mais firmemente elaboradas que estejam. São o

gênio maligno que compromete nossas certezas.

Contudo, cremos que estas questões se reúnem em torno daquela que é decisiva: **o destino do corpo.** Questão central, que une as reflexões filosóficas, vedando-lhes a complacência estética que as assimila a fragmentos de uma retórica vazia e irrisória. Ligam-se aqui para negar a indiferença mútua do conceito e da existência, as duas instâncias fundamentais:

— Que posso saber?

— Que posso esperar?

Aqui a concepção cristã de uma ressurreição diz respeito tanto ao crente quanto ao não-crente, pois o filósofo, como tal, não pode recusar o debate concernente à possibilidade ou à impossibilidade desta afirmação. Aliás, pode ser que esta afirmação contenha uma concepção do corpo incompatível com as dos filósofos clássicos. Antes, portanto, de abordar este debate, deveríamos perscrutar, na história, as mais notáveis filosofias que trataram do corpo.

Como é possível surgirem, da vida do corpo, a reflexão e a liberdade, a lógica e a vontade? O que sou eu, qual é o meu destino, se meu corpo é um não-sentido, já que não tem outro sentido senão a morte?

Se o pensamento recusa estas interrogações, ele relega o corpo aos falsos problemas de uma filosofia que ignora a biologia e se enreda na experiência, correndo ao mesmo tempo o risco de alienar-se num jogo estéril. De fato, afirmar que a vida e a morte não dizem respeito ao discurso conceitual é circunscrever-se a uma filosofia do corpo.

A opinião de cada um é, aqui, solidária com posições oriundas de certas escolas filosóficas e se faz mister proceder ao seu exame lúcido, crítico e rigoroso.

Este livro, **A FILOSOFIA DO CORPO,** de Claude Bruaire, é, na verdade, uma interessante reflexão sobre estes três elementos básicos da existência humana: a liberdade, a lógica e a vontade. Sobre estes três pilares, apóia-se o autor para examinar o que chama de "corpo e conceito", o "eu e meu corpo" e a "ordem do corpo", traçando uma lúcida visão somático-ontológica do homem e seu destino.

O MESSIANISMO KRAHÓ, Júlio César Melatti. Co-edição Editora Herder e Editora da Universidade de São Paulo. Ano 1972. Páginas 140.

Nossos trabalhos de campo entre os índios Krahó tiveram início em 1962 e visavam à coleta de dados que satisfizessem à realização de parte das tarefas previstas por dois projetos de pesquisa do Professor Roberto Cardoso de Oliveira. O primeiro era "Estudo Comparativo das Sociedades Indígenas do Brasil" que propunha o exame da organização social dos vários grupos indígenas do Brasil, entre os quais, o dos Krahó, tendo em vista a posterior comparação dos mesmos. Tal projeto veio a se fundir com o "Harvard-Central Brazil Research Project" que tinha os mesmos objetivos, limitando-se, entretanto, aos grupos do Brasil Central, especialmente aos do tronco lingüístico Macro-Jê.

O segundo projeto, "Estudos de Áreas de Fricção Interétnica no Brasil", tinha por objetivo o exame de vários casos de situação de contato entre índios e brancos, inclusive o caso Krahó, visando também a um futuro estudo comparativo. As partes desses dois projetos que se referiam aos índios Krahó ficaram a nosso encargo e foram realizadas simultâneamente.

O livro é, portanto, fruto de pesquisa de campo entre os índios Krahó e representa parte de investigação que antropólogos brasileiros desenvolvem entre populações tribais do Grupo Jê, com o objetivo de estabelecer comparações teóricas e empíricas entre estes grupos.

A obra está estruturada em três partes. A primeira é a colocação dos Krahó como um específico sistema sócio-cultural dentro do contexto da sociedade nacional. O capítulo I constitui, então, o núcleo central do livro, pois nele são levantados os dados necessários para um perfeito conhecimento da tribo. Nos capítulos subseqüentes são discutidos e interpretados elementos constitutivos do fenômeno messiânico entre os referidos índios:

— Descrição do movimento.

— Sua caracterização como messiânico.

— Fatores condicionantes.

— Crenças e recursos mágicos.

— Semelhanças e diferenças entre o messianismo Krahó e Ramkokamekra.

O livro contém excelente material para os cursos não só de Antropologia e Etnografia, mas, em especial, de Antropologia Indígena. E para melhor se aquilatar da excelência e oportunidade da obra, basta dizer que, no momento, a FAO e a FUNAI celebraram um convênio para um plano de desenvolvimento comunitário do grupo Krahó.

O autor é atualmente professor de Antropologia da Universidade de Brasília.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

O AMOR NAS QUATRO ESTAÇÕES, Professor Hélcio Veiga Costa, do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais. Pulicação das Edições Loyola. **JOURNALISTES CATHOLIQUES,** junho 1972. **PRETRES DIOCESAINS,** setembro 1972. **TESTIMONIO,** junho 1972. Publicação trimestral da Conferência dos Religiosos do Chile. **CONFER,** boletim informativo da Conferência dos Religiosos da Espanha. Agosto 1972. **CONFER,** revista trimestral da Conferência dos Religiosos da Espanha. Junho 1972. Destacamos: * Natureza do celibato sacerdotal, A. M. Erburu. * Comunidades de base e pequenas comunidades de vida religiosa, G. Pastor. **JOANA ANGÉLICA,** Mártir da Independência. Hugo Baggio. Editora Vozes. **PRO MUNDI VITA,** n.º 41. Todo o número dedicado às novas formas de vida comunitária e às comunidades contemporâneas. **SEM FRONTEIRAS,** setembro 1972. Revista mensal dos padres Combonianos, **ARQUIDIOCESE EM NOTÍCIAS,** agosto 1972. Belo Horizonte, MG.

NOSSO BOLETIM, órgão oficial da Regional da CRB, São Paulo. Setemro 1972. **MATEMÁTICA APLICADA,** Teoria e Aplicações do Ajustamento e Correlação. José de Jesus da Serra Costa, da Universidade do Estado da Guanabara. Editora Vozes. 1972. **ORAÇÃO DA CAMINHADA,** Editora Vozes. **BROTÉRIA,** revista de cultura e informação. Setembro 1972. **RENOVAÇÃO CRISTÃ,** outubro 1972. **RENOVAÇÃO,** boletim infor-

mativo do Regional Sul 3 da CNBB e da CRB. Setembro 1972. **PERSPECTIVA TEOLÓGICA,** julho-dezembro 1972. Revista de Teologia da Faculdade Cristo Rei da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

FRANCISCO MOSTROU O CAMINHO, Frei Hugo Baggio, Editora Vozes. Ano 1972. Páginas 98.

Uma série de rápidas biografias de figuras expressivas, atuantes, todas irradiando algo da espirltualidade franciscana, embora diferentes em suas personalidades como em épocas e circunstâncias em que viveram. São homens de cátedra e de letras, missionários e humildes irmãos religiosos, irmãs de apostolado na clausura e um mártir da última guerra mundial.

PARAPSICOLOGIA, CURANDEIRISMO E LEI, Djalma Barreto. Editora Vozes Ltda. Ano 1972. Páginas 140.

Conceituação legal do curandeirismo. A intenção do autor foi principalmente informar sobre a conceituação legal do curandeirismo, no passado e no presente. Seu espírito aberto a todas as conquistas científicas que servem à vida, principalmente no que tange à saúde do homem, levou-o a abordar a prática do curandeirismo, realizada por personalidade "paranormal" ou "medium", como atuação que deve ser estudada e integrada no "processo de cura'.

Isto quando puder ser cientificamente constatada sua utilidade benéfica para o restabelecimento da normalidade psicossomática do enfermo.

Deixando implicitamente denotada essa intenção, o autor propõe uma nova abertura na conceituação legal da "arte de curar", realizada à margem do estabelecido formalmente pelas leis em vigor. Profundo conhecedor dos códigos que regulamentam a "arte de curar" em vários países, na qualidade de professor de Faculdades de Direito, como jurista e promotor público, o autor alia ainda um profundo conhecimento da parapsicologia e ciências afins.

O Professor Dr. Djalma Lúcio Gabriel Barreto elaborou uma obra de autêntico mestre, destinada, como fonte de informação de fatos relacionados com o curandeirismo e a lei, a ocupar lugar primordial na literatura brasileira sobre o tema.

No Brasil, onde a "arte de curar" é exercida 80% fora da prática médico-legal, isto é, é exercida por curandeiros, a obra adquire valor inestimável para os especialistas e interessados nesse apaixonante tema que coloca o homem e seus "poderes misteriosos" 'a serviço da vida.

MYSTERIUM SALUTIS, Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífica. É uma obra em vários volumes que tenta, pela primeira vez neste século, fazer uma suma do saber teológico. Teólogos de todas as procedências colaboraram para que o empreendimento conservasse caráter verdadeiramente católico, por um lado enraizado na experiência da fé que nos vem das Sagradas Escrituras e da Tradição e, por outro, abrindo horizontes novos conquistados em contato com o espírito da modernidade.

Volume I — já publicado:

TEOLOGIA FUNDAMENTAL

(4 tomos)

Tomo 1 — Conceito de História da Salvação e Revelação.

Tomo 2 — Escritura e Tradição.

Tomo 3 — Revelação e Igreja.

Tomo 4 — Revelação de Deus e Resposta do Homem.

Volume II

A HISTÓRIA SALVÍFICA ANTES DE CRISTO

(4 tomos)

Tomo 1 — Deus Uno e Trino. Já publicado. Um volume de 365 páginas. **Mysterium Salutis,** é uma publicação da Editora Vozes Ltda.

MUNDO E FÉ EM RADICAL EVOLUÇÃO, Rafael Castañneda. Edições Paulinas. Tradução do original espanhol **Mundo y Fe en evolución radical.** Ano 1972. Páginas 260.

GÊNESE DE UMA NOVA VISÃO

1. A Imagem tradicional do mundo
2. Rumo a uma visão mais realista
3. Gênese e evolução do conceito de mundo
4. Primeiro esquema da Constituição **Gaudium et Spes,** na reunião conciliar
5. Novos critérios de trabalho
6. Derradeiros retoques
7. A forma definitiva.

TEOLOGIA HISTÓRICA E CONCRETA DO MUNDO

1. Examina a Igreja as novas realidades
2. A experiência cristã de outros fiéis
3. Correntes revolucionárias do pensamento moderno
4. Três focagens da teologia protestante
5. Da fuga do mundo à sua construção
6. A influência negativa da visão agostiniana
7. Igreja e mundo em relação nova
8. O mundo e a fé no plano salvífico
9. O homem, centro da renovação
10. Síntese

PERSPECTIVAS PASTORAIS EM UM MUNDO SECULARIZADO

1. Os sinais dos tempos na América Latina de nossos dias
2. A atual situação religiosa
3. Influências ambientais na religiosidade
4. Evangelização a partir do mundo
5. Como apresentar a teologia do mundo
6. Conclusões pastorais

Vem e Vê

Este livro quer dar uma visão bíblica da vocação.
São reflexões baseadas em personagens
e episódios bíblicos que nos colocam diante
de uma visão geral bem diferente daquela
que existe entre o povo. A vocação foi e ainda
é tão mal entendida que provoca mais medo
e aversão do que alegria e idealismo.
Que significa vocação para a maioria dos católicos?
Certa vontade misteriosa, em tempo de criança
ou adolescente, de ser padre, religioso ou freira.
Certo sentimento religioso ou aspiração,
fruto de educação piedosa por parte da mãe.
Ou resultado de contatos mais freqüentes
com padres ou outras pessoas da Igreja.
A Bíblia não fala desta vontade misteriosa,
desta aspiração pessoal desde criança.
Não é isto que a Bíblia retrata como sendo
vocação. No fim de cada capítulo sugerimos
algumas perguntas que podem ajudar a melhor
compreensão do apresentado e levar à posterior
aplicação. Servem também de meditação para
todos os que desejam descobrir o sentido
da vocação em geral e de sua em particular.
Talvez tragam para muitos uma nova descoberta:
a vocação deve ser um assunto de todos,
pois todos receberam uma vocação.

Pe. Geraldo Pennock

a vocação na Bíblia

EDITORA VOZES LTDA.
Rua Frei Luís, 100 — Caixa Postal, 23 — 25600 PETRÓPOLIS, RJ